

PROCESSO Nº 07852

ANO 1969

SCET



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

**Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT**

07852

PROCESSO Nº

| |
|---|
| INTERESSADO: <u>CONDEPHAAT</u> |
| PROCEDÊNCIA: <u>CAPITAL</u> |
| DATA: <u>18/02/2003</u> |
| REPARTIÇÃO: _____ |
| Nº DE ORDEM DO PAPEL: _____ |
| ASSUNTO: <u>Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua: Roberto Simonsen, nº 136 - Capital</u> |
| |
| |
| |
| |

02
d

INSCRIÇÃO NO LIVRO DE TOMBO DO SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS.

INSCRIÇÃO N°: 57.

OBRA: Solar da Marquesa de santos.

NATUREZA DA OBRA:

SITUAÇÃO: São Paulo – SP.

PROPRIETÁRIO:

N° DO PROCESSO: 7852/69.

CARÁTER DE TOMBAMENTO: Compulsório.

DATA DE INSCRIÇÃO: 24/06/71

CARACTERÍSTICAS E OBSERVAÇÕES: Rua Roberto Simonsen nº 136.

FICHA DO PROCESSO:

SÃO PAULO.

SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS.

LOCAL: Rua Roberto Simonsen.

PROCESSO: 7852/69.

TOMBAMENTO: 14/06/71.
Publicado no Diário Oficial de 15/06/71.

INSCRIÇÃO: N° 57/ Livro de Tombo Histórico nº 01, pág. 03.



03 ✓

| | | | |
|----------------|----------------|-----------|---------|
| Do Processo | Número 7852 | Ano 69 | Rubrica |
|----------------|----------------|-----------|---------|

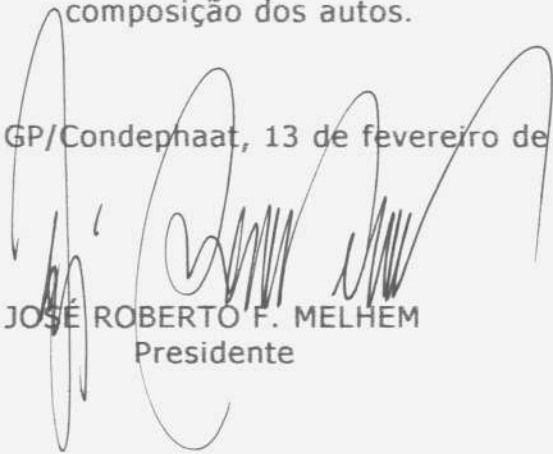
INT.: CONDEPHAAT

ASS.: Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua Roberto Simonsen nº 136 - Capital

Considerando o extravio do processo de tombamento do bem acima citado, encarecendo dessa forma a sua restauração, DETERMINO:

1. À SA para abertura de processo com o interessado e o assunto epigrafado, juntando os documentos anexo ao presente;
2. Ao STCR para levantamento de informações sobre o bem (iconografia, histórico, arquitetura, etc.) para composição dos autos.

GP/Condephaat, 13 de fevereiro de 2003.


JOSE ROBERTO F. MELHEM
Presidente

o HIST. GDO do Km. 136
SOLICITANDO ATENDI-
MENTO AO DEPARTAMENTO
SUPRA
18/02/03

/emws.-

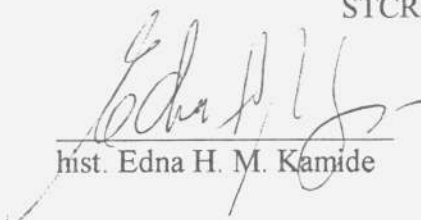


| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--|--------|-----|---------|
| <p>Processo n. 21740/81 Assunto: Estudo de tombamento do quartel do segundo Batalhão de Guarda, situado no Parque D. Pedro II – São Paulo - SP</p> <p>Processo n. 20910/79 Assunto: Estudo de tombamento do Teatro Brasileiro de Comédia, situado na Rua Major Diogo, n. 311/315 – São Paulo - SP</p> <p>Processo 07852/69 Assunto: Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na rua Roberto Simonsen, n. 136 – São Paulo - SP</p> | | | |
| <p>À Diretoria Técnica,</p> <p>Considerando os extravios dos processos de tombamento – Processo n. 21740/81 - Estudo de tombamento do Quartel do Segundo Batalhão de Guarda, situado no Parque D. Pedro II – Capital; Processo n. 20910/79 - Estudo de tombamento do Teatro Brasileiro de Comédia, situado na Rua Major Diogo, n. 311/315 Processo 46.620.03 - Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua Roberto Simonsen, n. 136 - a presidência solicitou o levantamento de informações sobre o bem (iconografia, histórico, arquitetura, etc.) para a composição dos autos.</p> <p>Atendendo à solicitação, informamos que selecionamos o material que deverá ser encaminhado ao setor competente para que este providencie as cópias xerográficas dos documentos, devendo posteriormente retornar ao STCR.</p> <p>Segue abaixo a relação dos documentos originais para cópias xerográficas:</p> <p>§ Processo n. 20910/79 - Estudo de tombamento do Teatro Brasileiro de Comédia, situado na Rua Major Diogo, n. 311/315 – São Paulo - SP</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 Ficha do Condephaat de identificação do bem - 1 Resolução de tombamento 63 de 21-10-1982, publicada no DOE de 22 de outubro de 1982 - 10 plantas em tamanho A4 - 13 fotos em p/b - 7 recortes de jornal - 2 Plantas às folhas 5 e 9 do Processo 24.130/85, anexo ao presente processo. <p>§ Processo n. 21740/81 - Estudo de tombamento do Quartel do Segundo Batalhão de Guarda, situado no Parque D. Pedro II – São Paulo</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 Ficha do Condephaat de identificação do bem - 3 Plantas: Localização e área envoltória - 2 Plantas baixa e do pavimento superior, em tamanho A4 - 2 fotos - 8 recortes de jornal <p>§ Processo n. 07852/75 - Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua Roberto Simonsen, n. 136 – São Paulo – SP</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 Ficha do Condephaat de identificação do bem - 2 Plantas: de localização e área envoltória | | | |

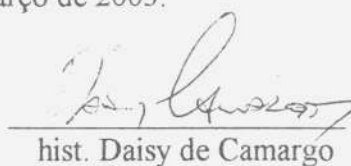
OK

- 3 Plantas baixas, em tamanho A4
 - 4 folhas contendo 6 fotos
 - 4 recortes de jornal
 - 1 texto: A Casa da Marquesa de Santos em São Paulo – Carlos A.C. Lemos
 - 15 folhas, avulsas, datilografadas com informações sobre o Solar da Marquesa de Santos
- NOTA: O processo 26.018/88, anexado a este processo de tombamento, refere-se ao imóvel vizinho à casa da Marquesa de Santos, conhecido com Casa nº 1.

STCR, 10 de Março de 2003.



hist. Edna H. M. Kamide



hist. Daisy de Camargo

RO DT
P/ C/ REGISTRO XEROGRÁFICO
C/ REGISTRO DE DOCUMENTOS
ORIGINAL AO STCR.

13/03/03

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke at the bottom.



06

Processo: S.C.,

07852


1969

Interessado: Condephaat

Assunto: **Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua Roberto Simonsen, nº 136 – Capital.**

- 1 – Encaminhe-se a SA para juntar ao processo as
fls. Xerografadas;**
- 2 – Ao STCR para retirada do material que serviu
como base para as copias xerograficas e continuidade de procedimentos.**

DT/ CONDEPHAAT, 27 de março de 2003.


Valquiria Abdo Ganeu
Diretora Técnica
Condephaat

SENHORA DIRETORA

ATENDIDA A SOLICITAÇÃO.

LILITAGÃO.

SA/PROT/06, 31/03/03.

SEQUE JUNTA DA AO 500.
LDB Nº 07 A 41.
SP/4-010000, 31/03/03.

TÍTULO DE IDENTIFICAÇÃO DO BEM TOMBADO

Nº PROCESSO: 07852/69

ENDEREÇO: SOLAR DA MARQUESA DE SANTOSDATA HOMOLOG.: D.O. 15/6/71
14/06/71**PROPRIET. ORIGINAL:** Rua Roberto Simonsen, nº 136 Centro

CIDADE: São Paulo

PROPRIET. ATUAL: Prefeitura MunicipalUSO ORIGINAL: residência
DPH da Secr.
USO ATUAL: Munic. de Cul.

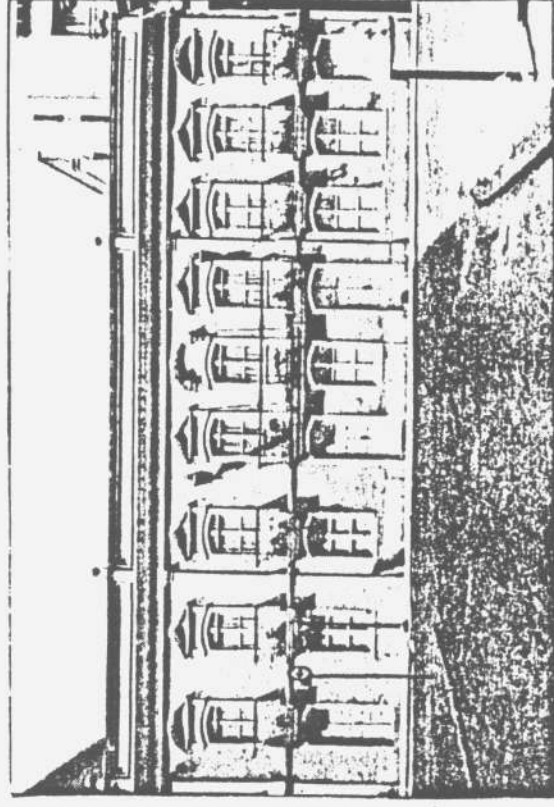
OBSERVAÇÃO: Inscrição nº 57, Livro do Tombo Histórico nº 1, pág. 03.

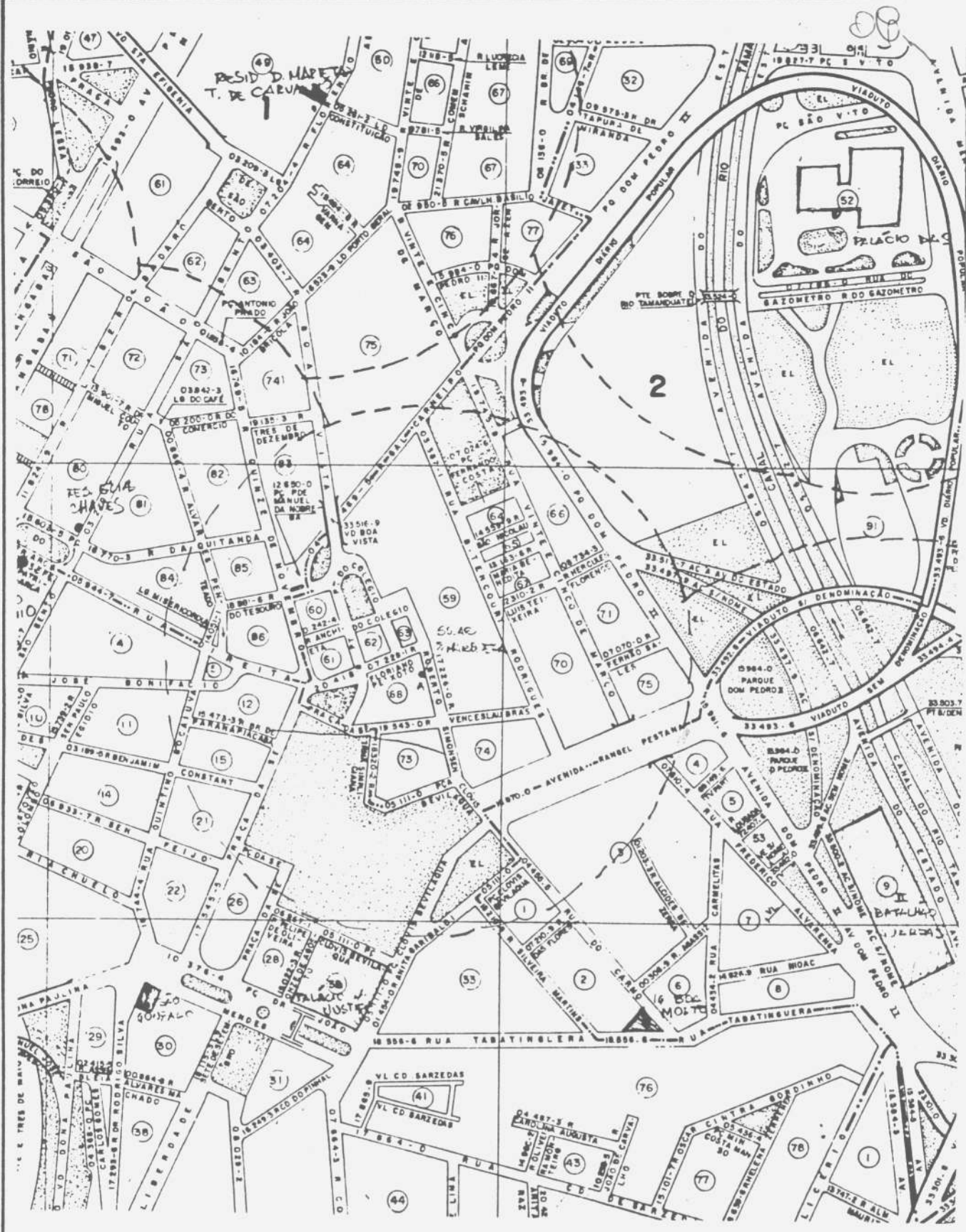
PROJETOR E AUTOR DO PROJETO:DATA CONSTR.: 2ª metade
séc. XVIII
dois +
porão**TÉCNICA CONSTRUTIVA:** de tijolos/concreto (acréscimo)**DADOS HISTÓRICO/ARQUITETÔNICOS:**

A casa data da segunda metade do século XVIII, evidenciada pelas características de suas envasaduras de vergas curvas, sendo a única residência urbana deste período ainda existente na cidade de São Paulo. Seu antigo proprietário, conhecido, foi André Alvares de Castro, rico português do Porto. Após passar pelo Brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme (1802 a 1831), o solar é adquirido pela Marquesa de Santos, em 1834, quando voltava da Corte e de seu rompimento com D. Pedro I, passando a ser sua residência e, depois, a de seus herdeiros. A Cúria Metropolitana comprou-a para sede do Palácio Episcopal de São Paulo, e, em 1909, foi adquirida pela The S. Paulo Gas Company. Em 1969, incorporou-se ao patrimônio Municipal.

A estrutura interna foi alterada com a demolição de algumas paredes, reformas sucessivas entre 1890 e 1909. Os acréscimos que dão para a ala Bitencourt Rodrigues foram construídos em etapas, durante as décadas de 30 e 40 deste século.

O solar, juntamente com o Pátio do Colégio e o Beco do Pinto e o canteiro contíguo, constituem um conjunto arquitetônico que evoca a paisagem urbana antiga da cidade e compõem uma das zonas mais velhas do núcleo urbano de São Paulo.

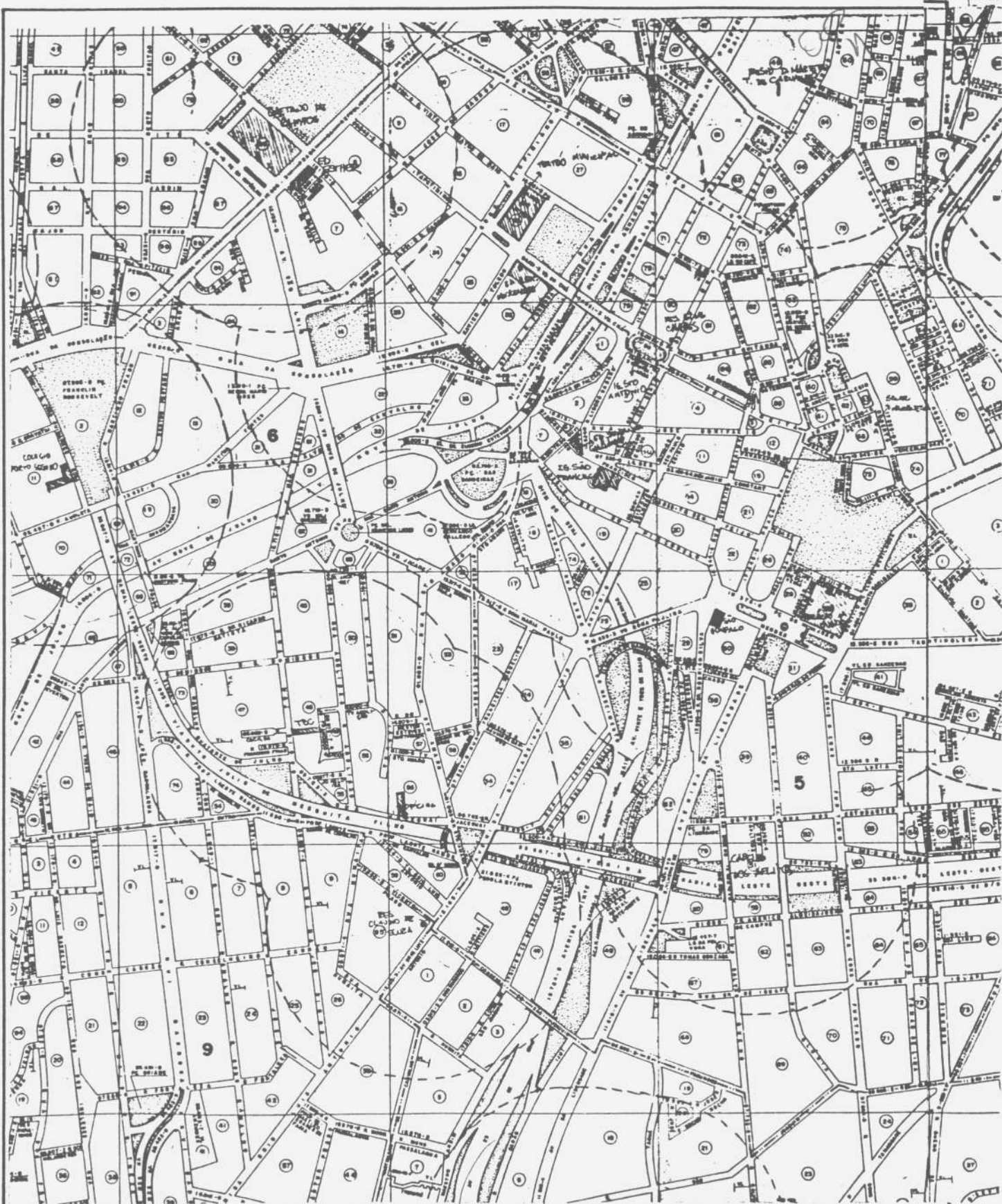
ILUSTRAÇÃO:



| | | |
|-------------------------------|--------|-------|
| OBRA | | |
| SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS | | |
| TITULO | | |
| LOCALIZAÇÃO E ÁREA ENVOLTÓRIA | | |
| ARQUITETO | FASE | FOLHA |
| VERIFICAÇÃO | VISTO | DATA |
| DESENHO | ESCALA | DATA |

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO E TURÍSTICO
 RUA LIBERO BADARÓ 39 · 11º ANDAR · CEP 01009 · SÃO PAULO · TELEFONES (011) 257 1311 35 8640



OBRA Capela dos Aflitos, Edif. Alexandre Mackenzie, Edif. Saldanha Marinho, Ig. São Francisco, Ig. São Gonçalo, Ig. Santo Antonio, Ig. da Boa Morte, Largo da Memória, TÍTULO Palácio da Justiça, Res. Elias Chaves, 2º Batalhão de Guardas, Solar da Marquesa, Teatro Municipal. (localização e área envoltória).

| | | |
|-------------|--------|---------|
| ARQUITETO | FASE | FOLHA |
| VERIFICAÇÃO | VISTO | DATA |
| | | nov./91 |
| DESENHO | ESCALA | DATA |

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO E TURÍSTICO
 RUA LIBERO BADARÓ 39 - 11º ANDAR - CEP 01009 - SÃO PAULO - TELEFONES (011) 287 1311 38 6640

IDENTIFICAÇÃO GRÁFICA

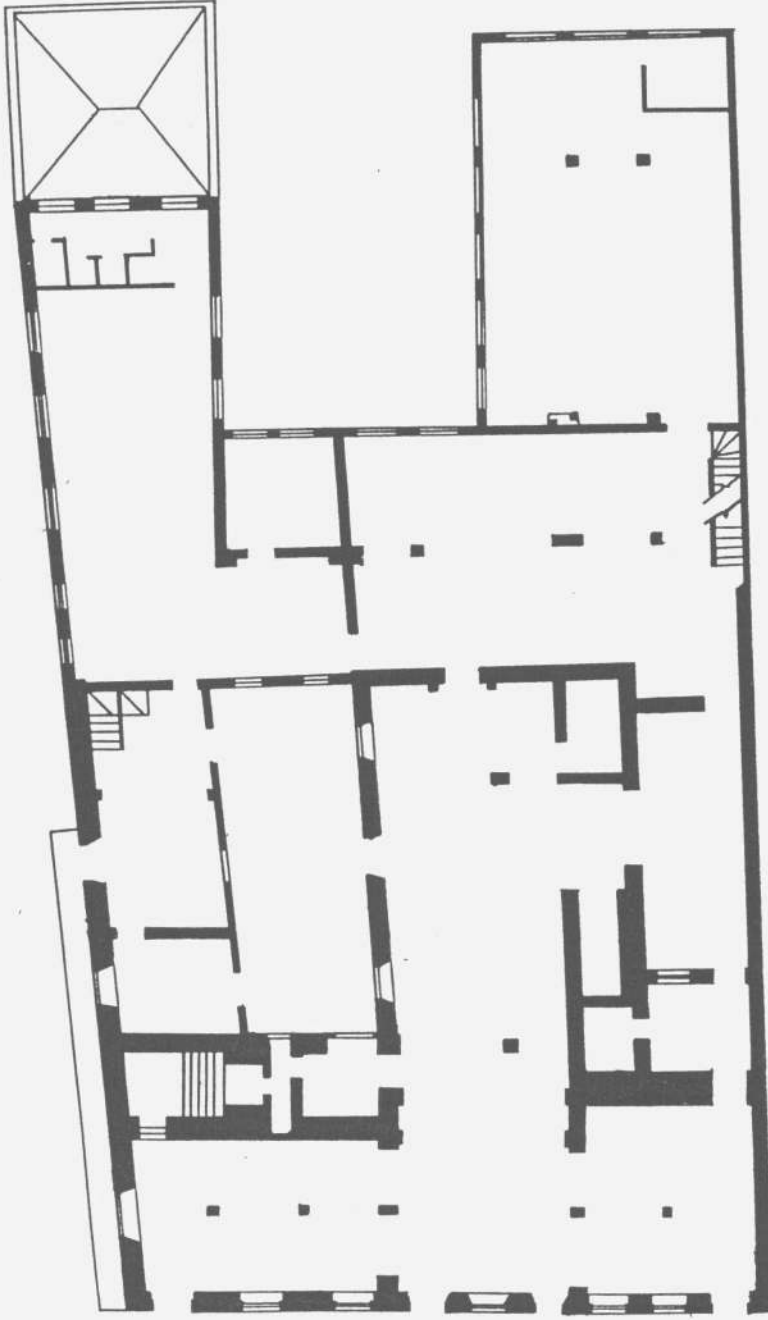
OBRA : CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

DESENHO : ANA LÚCIA BRAGANÇA

LOCAL : RUA ROBERTO SIMONSEM , 136 SÃO PAULO

DATA : 27 / 02 / 90

LEGENDA / USO ATUAL



TÉRREO



IDENTIFICAÇÃO GRÁFICA

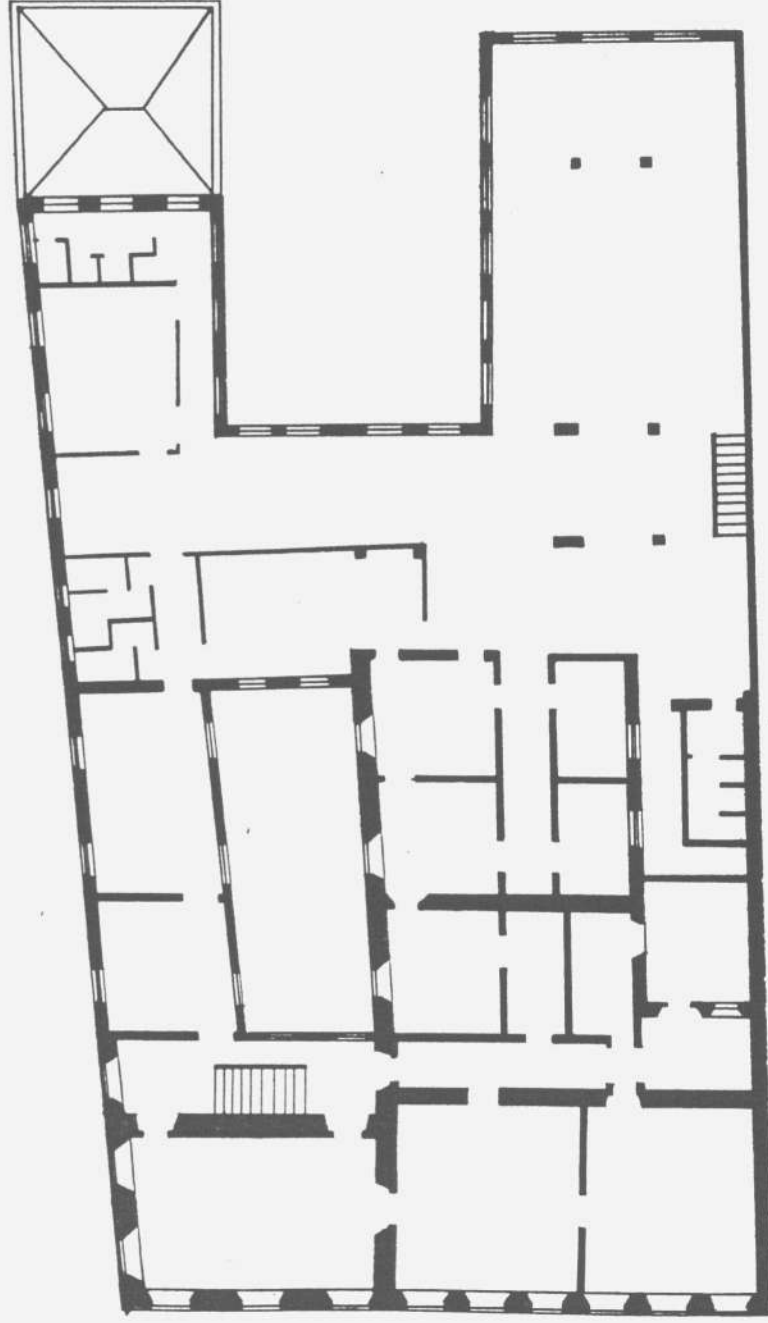
OBRA : CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

DESENHO : ANA LÚCIA BRAGANÇA

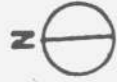
LOCAL : RUA ROBERTO SIMONSEM, 136 SÃO PAULO

DATA : 27 / 02 / 80

LEGENDA / USO ATUAL



SUPERIOR



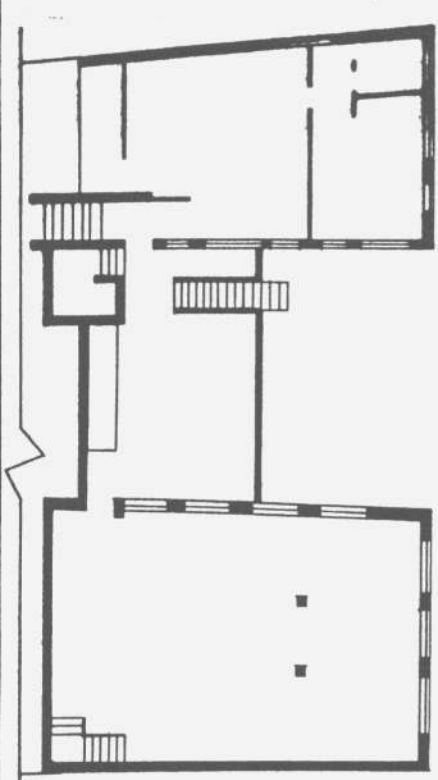
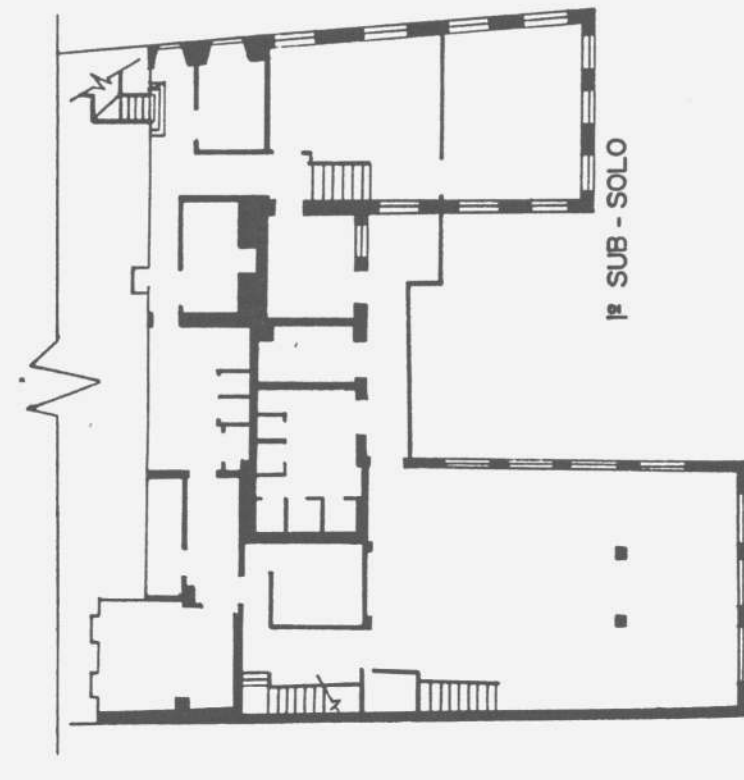
IDENTIFICAÇÃO GRÁFICA

OBRA : CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

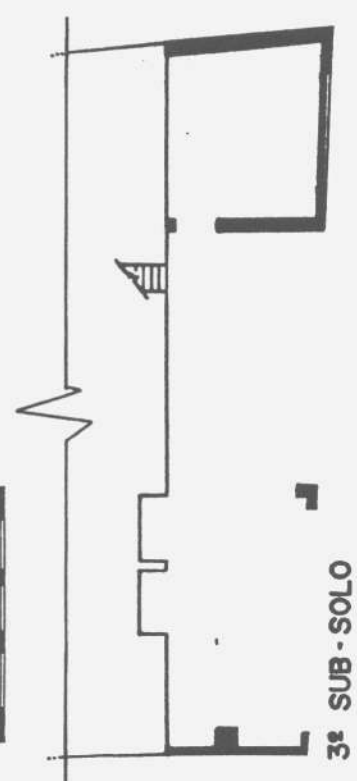
LOCAL : RUA ROBERTO SIMONSEM 136 SÃO PAULO

DESENHO : ANA LÍCIA BRAGAÇA

DATA : 27/02/80



LEGENDA / USO ATUAL



Formato A 4 - 210x297 mm.

Fôlha não recortada - 240x330 mm

SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS, EM SÃO PAULO

Sito à Rua Roberto Simonsen, nº 136, antiga Rua do Carmo, esquina do Beco do Colégio ou Beco do Pinto, onde funciona, desde 1909, a Companhia de Gás, foi construído no século passado. Feito de taipa socada a pilão, tem três pavimentos: porão, térreo e superior, e dispunha de trinta e oito aposentos. Sua estrutura interna foi alterada com a demolição de algumas paredes, em reformas sucessivas, em 1890 e 1909.

Este solar foi adquirido pela Marquesa dos Santos em 1834, quando voltava da Corte e de seu rompimento com D. Pedro I, passando a ser sua residência e, depois, de seus herdeiros. A Cúria Metropolitana comprou-a para sede do Palácio Episcopal de São Paulo. Em 1909, foi adquirida pela Companhia de Gás, ^{e, em} Em 1969, incorporou-se ao Patrimônio Municipal. ^O CONDEPHAAT resolveu tombá-la em 1971.

O Pátio do Colégio, a Casa da Marquesa dos Santos, o Beco do Colégio e o casarão contíguo constituem um conjunto arquitetônico que evoca a paisagem urbana antiga da cidade e compõem uma das zonas mais velhas do núcleo urbano de São Paulo.

Tex N° 01

CASARÃO VIU A CIDADE CRESCER; AGORA
VAI AJUDÁ-LA A CONTAR A SUA HISTÓRIA

Moravam na casa nº3 da Rua de Santa Theresa (depois R. do Carmo, hoje Roberto Simonsen, 136), ao tempo da Marquesa de Santos, 37 pessoas: a Marquesa e seis filhos; sua mãe; seu irmão e ~~XXXXXXXX~~ respectiva esposa; dois agregados e 25 escravos.

Quem a conhece apenas de vista, não diria que ela seja tão grande. Pois, é. Além dos dois pavimentos acima do nível da rua, há um outro abaixo, aproveitando o desnível do terreno. Dispunha o casarão de 38 aposentos.

Sua estrutura é de taipa socada a pilão. Como o cimento, tal como o conhecemos hoje, só seria inventado em 1884, usava-se então, como ligante da taipa, sangue de boi e açúcar mascavo. Apesar disso, o casarão, construído entre 1750/60, está completando 220 anos em pleno uso e integridade.

Trata-se, na verdade, da única residência urbana do século XVIII existente hoje na cidade de São Paulo. As outras da época, conhecidas - a do Caxingui, a do Tatuapé e a Casa do Bandeirante, em Pinheiros - eram casas de fazenda envolvidas pela expansão da área urbana da cidade.

Não é preciso mais, pois, para caracterizar a importância histórica dessa casa. Se acrescentarmos que, em 1822, quando completava ela 72 anos, São Paulo era ainda uma vilazinha humilde, com apenas 6.920 habitantes, pode-se dizer que ela viu a cidade nascer.

E agora vai ajudar a contar a ~~XXX~~ história de São Paulo.

CENTRO HISTÓRICO, DE PESQUISA E DIFUSÃO

Por tudo isso, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT), por iniciativa do seu Presidente, a Sra. Lúcia F. Mello Falkenberg, decidiu promover o seu Tombamento, evitando, assim, a sua possível destruição ou mutilação.

Informa ainda a sra. Lúcia F. Mello Falkenberg que, considerando a sua vizinhança com o Pátio do Colégio, local de origem da cidade, ora em processo de restauração, estudou o CONDEPHAAT a instalação nessa casa de um Centro Histórico, de pesquisa e

15

simpósios, etc. de interêsse dos bens culturais do Estado. E ainda do fornecimento de informações ao público, em geral, e aos estudantes em particular.

- Tal propósito - acrescenta a sra. Lúcia Falkenger - conjuga-se admiravelmente aos objetivos do "Compromisso de Brasília", firmado em abril último entre o Ministério da Educação e os Governos Estaduais, através do qual se comprometem os Estados a preservarem o patrimônio histórico e artístico do país, nas áreas que lhe são afetas. Essa preservação, segundo o "Compromisso de Brasília", deve ser feita usando, sobretudo, de recursos ~~educativos~~ educativos, em todos os níveis, capazes de despertar na população a estima ~~por~~ pelos bens culturais e a compreensão da sua importância na formação do sentimento de nacionalidade.

- O velho casarão, pois, por sua singular posição no processo histórico da evolução urbana da cidade, ajusta-se admiravelmente como núcleo de uma sistema educativo específico. Acresce ainda que, a partir de 1971, cumprindo o "Compromisso de Brasília", os professores darão tarefas de pesquisa, composição e interpretação dos fatos históricos a partir de documentos materiais, tais como prédios, logradouros públicos, acidentes geográficos, etc. Assim, o Centro Histórico tratará da coleta sistemática de dados dessa natureza e se colocará em condições de atender aos pedidos de informações e documentação que os estudantes venham a solicitar.

- É pensamento do CONDEPHAAT - uma vez restaurado o Pátio do Colégio, a chamada Casa da Marquesa de Santos, bem como o Beco do Colégio e o casarão contíguo, hoje dependência da Secretaria de Segurança, num autêntico centro cívico, não só de evocação das origens da cidade, como dinâmico ~~em~~ no sentido cultural. É essa, no momento, a tarefa que nos empolga e estamos certos de contar com o apóio do Governador Sodré e com o Prefeito da capital.

Fex N.º 2

16

Logradouros cujos nomes foram modificados Posteriormente

Nome em 1822

- Nome Posterior

| | |
|---|-------------------------------|
| Barsa - Beço do..... | Ladeira Pôrto Geral |
| Dexiga - Pátio do | Largo Riachuelo |
| Cadeia - Pátio da..... | Praça João Mendes |
| Casa Santa - Rua da..... | Rua Riachuelo |
| Casinhãs - Travessa das..... | Rua do Tesouro |
| Cemiterio - Rua do..... | Rua da Glória |
| Ex Colégio - Travessa do..... | Rua Anchieta |
| Cotovelo - Rua do | Rua da Quitanda |
| Curral - Rua do..... | Rua Santo Amaro |
| Curvo - Rua do | Rua do Seminário |
| Detrás da Boa morte - Rua..... | Rua Tabatinguera |
| Detrás do Cemiterio - Rua..... | Rua Galvão Bueno |
| Figueira - Rua da | Rua Florêncio de Abreu |
| Fôrca - Campo da..... | Largo da Liberdade |
| Freira - Rua da..... | Rua Senador Feijó |
| Fundição - Rua da..... | Rua Floriano Peixoto |
| Hospital - Rua do..... | Praça do Correio |
| Inferno - Beco do..... | Travessa do Comercio |
| Jôgo da Bola - Travessa do..... | Rua Benjamin Constant |
| Lapa - Beco da..... | Rua Miguel Couto |
| Mata-Fome - Beco do..... | Rua Epitacio Pessoa |
| Nova da Ponte do Lorena - Rua.... | Rua Sete de Abril |
| Ouidor - Rua do..... | Rua José Bonifácio |
| Padre Capão - Travessa do..... | Rua B.de Paranapiacaba |
| Paredão - Rua do..... | Rua Xavier de Toledo |
| Piques - Rua do..... | Rua da Consolação |
| Piques - Subida do..... | Rua Quirino de Andrade |
| Pólvora - Campo da | Largo da Pólvora |
| Pólvora - Rua da..... | Rua da Liberdade |
| Quartel - Rua do XL XLV XLVI XLVII XLVIII XLIX L LII LIII LIV LVI LVII LX LXI LXII LXIII LXIV LXV LXVI LXVII LXVIII LXIX LXX LXXI LXXII LXXIII LXXIV LXXV LXXVI LXXVII LXXVIII LXXIX LXXX LXXXI LXXXII LXXXIII LXXXIV LXXXV LXXXVI LXXXVII LXXXVIII LXXXIX LXXXX LXXXXI LXXXXII LXXXXIII LXXXXIV LXXXXV LXXXXVI LXXXXVII LXXXXVIII LXXXXIX LXXXXX | Rua Onze de Agosto |
| Rêgo XL XLV XLVI XLVII XLVIII XLIX L LII LIII LIV LVI LVII LX LXI LXII LXIII LXIV LXV LXVI LXVII LXVIII LXIX LXX LXXI LXXII LXXIII LXXIV LXXV LXXVI LXXVII LXXVIII LXXIX LXXX LXXXI LXXXII LXXXIII LXXXIV LXXXV LXXXVI LXXXVII LXXXVIII LXXXIX LXXXX LXXXXI LXXXXII LXXXXIII LXXXXIV LXXXXV LXXXXVI LXXXXVII LXXXXVIII LXXXXIX LXXXXX | Rua R. M. N. |
| Ponte Grande - Rua Que Vai Para.. | Rua Brigadeiro Tobias |
| Príncipe - Rua do..... | Rua Quintino Bocaiuva |
| Quartel - Rua do..... | Rua Onze de Agosto |
| Rêgo - Rua do..... | Rua Carlos Gomes (parte) |
| Rosario - Rua do..... | Rua Quinze de Novembro |
| Santa Teresa - Rua de..... | Rua do Carmo(hoje R.Simonsen) |
| Santissimo - Rua do..... | (Extinta) |
| São Gonçalo - Rua de..... | (Extinta) |
| São José - Rua de..... | Rua Líbero Badaró |
| Tanque - Rua do..... | Rua Visc.R.Branco (início) |

Ex
Detrás do Santíssimo - Rua..... Rua de Santa Teresa

Tex N.º 3

1X

Construído entre 1750/60, foram proprietários do casarão nº 136 da Rua Roberto Simonsen:

1750-1800..... Família de André Álvares de Castro.

1800-1802..... Ocupada por Capitães-Generais, Governadores da Província de São Paulo. Entre êles, estaria D. Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas.

1802-1834..... Família do Brigadeiro Joaquim José Pinto de Morais Leme.

1834-1867..... Família de D. Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos.

1867-1880..... Família de Felício Pinto de Mendonça e Castro, primogênito da Marquesa de Santos.

1880-1909..... Cúria Metropolitana; período em que serviu como Palácio Episcopal de São Paulo.

1909-1969..... Cia. de Gás de São Paulo; sede da empresa.

1969- - Patrimônio da Prefeitura Municipal de São Paulo, expropriado como parte do acervo da antiga empresa, hoje sede da Cia. Municipal de Gás.

18

OBRA: SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS

Roberto
LOCAL: RUA HENRIQUE SIMONSEN, Nº 136 - SÃO PAULO

COMPILADO POR: Regina DATA: 24/03/80

SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA

O Solar da Marquesa de Santos localiza-se à Rua Roberto Simonsen, nº 136, antiga Rua do Carmo, esquina do Beco do Colégio ou Beco do Pinto. O Solar juntamente com o Pátio do Colégio, o Beco do Colégio e o casarão contíguo constituem um conjunto arquitetônico que evoca a paisagem urbana antiga da cidade e compõem uma das zonas mais velhas do núcleo urbano de São Paulo.

DESCRIÇÃO E PERTENCES

Edifício do século passado, feito de taipa socada a pilão, tem três pavimentos: porão, térreo e superior constituídos de trinta e oito apartamentos. Sua estrutura interna foi alterada com a demolição de algumas paredes, em reformas sucessivas, em 1890 e 1909. Em 1969 incorporou-se ao Patrimônio Municipal e em 73 foi tombado pelo CONDEPHAAT.

Cronologia dos principais eventos ocorridos ou associados à casa nº 130 da Rua do Carmo (atual Roberto Simonsen), pertencente, outrora, a D. Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos:

- 1750/60 - Data aproximada de sua construção. Obra, sem dúvida, da segunda metade do século XVIII, evidenciada pelas características de suas envasaduras de vergas curvas.
- Seu mais antigo proprietário, conhecido, foi André Álvares de Castro, rico português do Porto, casado em São Paulo com D. Maria Ângela Guirásia da Silva. Depois de viúva, foi amante do historiador Pedro Taques. É tida como responsável por sua ruína. Exercendo êle altos cargos na administração, foi acusado de desfalque, teve seus bens confiscados e morreu (3.3.1777) na miséria, aos 63 anos.
- Despejada a família de Guirásia, a casa é ocupada, durante anos, pelos Capitães Generais, Governadores da Província. O primeiro dêles, teria sido D. Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas.
 - Sustentaram os filhos de Guirásia exaustiva demanda judicial, tentando reaver a casa. Até que, por sentença, foi ela traspassada.
- 1802 - 14 de Abril. Coube a posse ao Brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Almeida. Sua mulher, D. Maria da Anunciação Moraes Sara Gavião, já viúva, por volta de 1833, autoriza seu filho, o coronel Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, a negociar a venda da casa.
- 1834 - 31 de Maio. Comprou-a a Marquesa de Santos por onze contos e quatrocentos mil réis. Aos 30 anos, mas bela, "dificil de se vê-la impunemente", segundo cronista da época, aí se instalou a Marquesa, de regresso da Corte, depois do seu rompimento com Pedro I. Acompanham-na: sua mãe, seu ^{viúvo} genro José de Castro, marido de ~~Guirásia~~ sua *(Canto e Melo) (sua filha Fracencina)*

70

~~Mãe francesa~~, dois agregados e 25 escravos. Acomodam-se na casa, pois, 31 pessoas. O que dá idéia do seu tamanho.

- 19 de Setembro. Nasce no casarão uma criança, registrada como de mãe incôgnita, perilhada pelo coronel Rafael Tobias de Aguiar, um dos homens mais influentes de São Paulo. A criança é batizada com o nome de Rafael Tobias de Aguiar Filho.
- Ficam patentes, assim, as ligações do poderoso político e revolucionário de Sorocaba com a Marquesa.
- A criança é o sétimo filho da Marquesa (3 do primeiro marido, Felício Pinto Coelho de Mendonça e 3 de D. Pedro I).
- Outubro. Morre em Portugal D. Pedro I. O fato é imperceptível na rotina do casarão.

1855 - 17 de Junho. Nasce no casarão mais uma criança, agora reconhecida pela Marquesa: João Tobias de Aguiar.

1856 - Recenseadores batem no casarão e consignam em suas fichas: "D. Marquesa de Santos declara que vive dos seus negócios e tem o rendimento de 2 contos de réis anuais".

1857 - 14 de Junho. Nasce outro filho do "casal": Gertrudes Rufrosina Tobias de Aguiar.

1858 - 30 de Março. Lei nº 25, da Assembléia Provincial, determina que a Câmara da cidade dependa quatrocentos mil réis para murar o quintal da Marquesa.

- 26 de Junho. Outro filho da Marquesa: Antônio Francisco de Aguiar Castro. Décimo filho de Domitila.

1859 - 24 de Março. Chegam notícias da Duquesa de Goiás (filha de Domitila e Pedro I): tinha deixado o colégio, em Paris, e passaria temporada no Palácio de Munich.

- 12 de Julho. Viaja a Marquesa, com grande séquito, para Santos, onde tomará o "Paquete do Sul" que a levará ao Rio, a fim de matricular Maria Isabel de Alcântara Brasileira (sua filha e de Pedro I, nascida em 1830, depois do rompimento amoroso) no colégio "Hitchings".

- Hospeda-se na casa da Marquesa de Jacarépaguá e aí recebe a visita de Samuel Phillips & Cia., banqueiros, que em nome da Imperatriz D. Amélia, convidam-na a entregar Maria Isabel, como fôra vontade de D. Pedro, para ser educada em Londres. Ela nega.

- 1840 - 4 de Agosto. Nasce mais um filho da Marquesa: Brásílico de Aguiar e Castro. É o 12º
- 1841 - 20 de Abril. Morre Gertrudes Quirosina, aos 4 anos. Manda a Marquesa envolver o cadáver de ~~uma~~ filha em ricas vestes brancas, com capa azul. Com grande acompanhamento, é sepultada no jazigo da Ordem 3ª de S. Francisco da Penitência.
- 3 de Setembro. A situação política torna-se extremamente grave. As manobras revolucionárias do coronel Tobias contra o governo do Império são de domínio público. Decidem, assim, ele e a Marquesa, num mesmo documento ~~numa~~, despachar numerosas procurações em causa própria para a Corte, Santos, Itu, Porto Feliz, Capivari, Sorocaba e Curitiba.
 - 9 de Novembro. O Bispo de São Paulo, D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, assina portaria em que permite o casamento da Marquesa e do coronel Tobias sem qualquer formalidade.
 - 30 de Novembro. Nasce outro filho do "casal": Heitor. É o décimo terceiro da Marquesa.
- 1842 - 10 de Maio. O coronel e a Marquesa ~~ambos~~ viajam para Sorocaba. A rebelião já se instalara. Na Assembléia Provincial, Martin Francisco, seu companheiro na "causa", conclama o povo contra o governo central. O Coronel Tobias é aclamado Presidente da Província.
- 14 de Junho. Já certo de que a revolução não marchava no sentido dos seus interesses, o Coronel manda chamar o notário de Sorocaba para registrar o seu casamento com a Marquesa - "não pelos costumes e leis do Império - expressaria ela, mais tarde, no seu testamento - mas por pacto exclusivo de comunhão de bens, dotando-me ele com oitenta contos de réis".
 - Nesse mesmo dia, à tarde, o vigário José Francisco de Mendonça, à vista da licença concedida pelo Bispo, procede, no Oratório de D. Gertrudes Quirosina Ayres, ao casamento religioso. É testemunha, entre outras, o senador Padre Diogo Antônio Feijó, seu correligionário político.

22

-16 de Junho. O General Lima e Silva (Caxias), nomeado comandante das forças em operações em São Paulo, manda de Taubaté, através do Barão de Monte Alegre, então Presidente da Província, um recado para a Marquesa: "Estimarei que a Marquesa se vá conservando fresca e que não me apareça perto do seu noivo Tobias, senão quiserem ambos ir gozar as delícias da Corte!".

-20 de Junho. Caxias entra em Sorocaba. A Marquesa já estava quietinha na sua casa da Rua do Carmo. E o Coronel Tobias andava pelos campos de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

-12 de Dezembro. O Coronel Tobias é preso em Passo Fundo e recolhido à Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro.

-16 de Dezembro. Chegam ao casarão notícias da Baviera. O Conselho de Família dos Bens do inventário de D. Pedro I decide dar um tutor à Isabel Maria, Duquesa de Goiás, filha de Domitila e de Pedro I, em face do seu próximo casamento. É-lhe destinado um dote de oito contos de réis.

1845 - 17 de Abril. Isabel Maria casa-se em Munich com o oficial bavaro Ernesto Fischler, conde de Treuberg e barão de Holzen, descendente de família israelita, enobrecida por decreto de 22 de Setembro de 1809, pelo Ducado de Saxe Coburgo Gotha.

1846 - 6 de Fevereiro. Morre melhor, o último filho da Marquesa e do Coronel Tobias, com 7 anos.

- Março. Felício de Castro, filho mais velho da Marquesa e do seu primeiro marido, é eleito deputado à Assembléia Provincial.

- 21 de Abril. A filha Francisca cria alvoroço no casarão. Descobre-se que ela propôz, à revelia da Marquesa, a ação de separação do seu marido, acusando-o de ter raptado moga moradora em Juqueri.

- 28 de Agosto. O Coronel Tobias é anistiado e reformado com a patente de Brigadeiro.

- Ele e a Marquesa passam agora a morar no casarão, sem subterfúgio. Estão casados legalmente.

- Levam vida sossegada, fins de semana na Chácara do Acu, propriedade da Marquesa

é tio, pai de Carlos Couto P. Melo

na freguesia do Ó ou, então, na fazenda da Ponte do Anastácio, "lá para as bandas do caminho de Jundiá, num lugar chamado Lapa". Na fazenda, o casal fabrica farinha de milho que, vendida na cidade, fica ramosa.

1848 - 2 de Setembro. Maria Isabel (não confundir com Isabel Maria, Duquesa de Goiás), casa-se com Pedro Caldeira Brant, Conde de Iguassú.

1849 - 19 de Julho. Princesa Domitila grande festa para a netinha, primeira filha de Maria Isabel, Condessa de Iguassú. Eis como o poeta Álvares de Azevedo, convidado para a festa, conta o episódio em carta à sua mãe:

"O baile que tinha que haver pelo batizado da neta da Marquesa, da nobre descendente da Casa de Bragança, a Sra. Maria Isabel de Alcântara, transformou-se num entêrrô. Morreu a linda criancinha de um ataque de convulsões na madrugada de 2a. feira e nessa noite enterrou-se com a maior pompa possível em São Paulo.

Era de ver como estava bonito o anjinho, com sua corôa de flôres na testa branca como jaspe, com as suas mãozinhas postas no peito, apertando, friazinhas, uma palma de irócos verdes, alvas como as roupas cândidas de ouro que vestia.

Do lado do caixão de setins bordados de ouro, viam-se as dobras da capa de veludo bordadas também a fio de ouro.

A criança era o retrato mais perfeito possível da mãe - é aquela testa erguida, aquêlê nariz arrebitado um pouco, etc.

O Conde está inconsolável, segundo dizem. Para torná-lo mais solene, fizeram ir ter o entêrrô do Acu ao Carmo - isto é, de um dos extremos da cidade ao outro. Houveram bandas de música*.

1850 - 11 de Agosto. Promove a Marquesa um dos bailes mais faustosos da cidade, nos salões do seu casarão. É ainda o poeta Álvares de Azevedo, presente, quem o descreve ~~xxx~~ em carta à sua mãe:

"A Condessa de Iguassú e a Belisária eram as rainhas do baile - com uma diferença: que a Belisária, com a sua simplicidade de traje, estava mais bonita que a Bella, com a sua riqueza de jóias e seda.

Por falar em sobrecarregada de pedrarias - lá estava a Sra. Marquesa com todo o seu luxo de brinçantes. Para ~~manã~~ que lhe

289

conhece de crianças as jóias, não seria nova a descrição que eu lhe fizesse. Por isso, passo adiante".

1855- 24 de Outubro. O Brigadeiro Tobias faz o seu testamento. Legou à Marquesa "quatro escravos à sua escolha; apreçados em 7:600\$000 e um anel de brilhantes com figura de rosa, avaliado em 250\$000". Concluiu o testamento com as seguintes palavras: "nomeio minha mulher tutora de meus filhos e lhe peço queira aceitar este encargo para fazer que conclua seus estudos, e assim obtenham os frutos de nossos desvelos".

1856- 11 de Agosto. Promove a Marquesa, em sua casa, grande recepção, comemorando a fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

1857- 1ª de Outubro. O Brigadeiro Tobias é eleito Deputado geral. Vai-lo com a família em Santos. Vão tomar o navio "Pirahy", com destino ao Rio, ~~xxxxxxx~~ posse. Sente-se mal, porém, e regressam todos para o casarão do Carmo.

-7 de Outubro. Melhor de saúde, decide-se o Brigadeiro assumir a sua cadeira de Deputado geral. Segue para Santos novamente, vão com ele a Marquesa, cinco filhos e cinco escravos. Embarcam no vapor "Piratininga". À altura da Fortaleza da Lage, onde estivera prêso em 1842, o Brigadeiro morre repentinamente (64 anos).

- O corpo é embalsamado no Rio e voltam todos para São Paulo.

-22 de Outubro. O Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar é sepultado nas catacumbas da Igreja da Ordem Pa. de São Francisco.

Feito o inventário dos seus bens, a Marquesa entra na posse da fantástica fortuna, para a época, de 978:519\$250 contos de réis.

1858-22 de Novembro. Para comemorar a formatura do seu filho João Tobias, promove a Marquesa um baile monumental no casarão. Todo o serviço de "bouquet" é servido em baixelas de ouro maciço. Apesar dos seus 60 anos, a Marquesa participa das danças, das quais tomam parte honroso Celso de Assis Figueiredo, futuro Visconde de Ouro Preto, pai do famoso autor de "Porque me criou do meu País", colega de João Tobias e ainda o escritor e político célebre, poucos anos depois, Tavares Bastos, autor de "O Vale do Amazonas", "Cartas do Solitário" e outros.

25

XXXXXXXXXX

-Dezembro. Outra festança na casa da Mar-
queza, pelo casamento do seu filho Antô-
nio, com Placida Adelia de Brito.

1859 - 30 de Maio. Aos 97 anos, morre no casarão
d. Escolástica Bonifácio de Toledo Ribás,
Viscondessa de Castro, mãe de Domitila.

1860 - 28 de Abril. Joaquim ~~XXXXXX~~ Fernandes Tor-
res, Presidente da Província, exonera-se
do cargo. Por ~~algum~~ motivo que a crônica
não registra, a Marquesa promove em sua
casa, para homenagear Torres, o que o
"Correio Paulistano" registra como "o
Festival":

- "O acontecimento mais importante e que
maior círculo de atenções cativou, foi o
grande baile oferecido ao Exmo. Sr. Con-
selheiro Torres. Nasceu a idéia do seio
da amizade e da gratidão, bem se pode ava-
liar o esplendor de sua realização. E na-
da deixou a desejar; o baile esteve magní-
fico. Suntuosamente servido, bastante con-
corrido e muito animado, deu-nos uma noite de
embriagante prazer. A casa da Exma. Marquesa
de Santos, adrede preparada com todo o es-
mêro e bom gosto para esse fim, foi o bri-
lhante teatro onde teve realização a gene-
rosa idéa abraçada e simpatizada por tô-
das as pessoas mais distintas desta capital".

- Dezembro-Rafael Tobias Filho é eleito depu-
tado a Assembléa Provincial.

1862 - 25 de Fevereiro. A Marquesa pede ao Conselheiro
Joaquim Ignácio Ramalho que vá à sua casa.
E surpreende-o pedindo-lhe para registrar o
seu Testamento. Peça extensíssima, registrada
no Cartório do 1º Ofício de São Paulo. Desce
a Marquesa a minúcias incíveis, dita normas
de conduta aos herdeiros, faz recriminações.
A uma das suas 25 escravas, Helena, deixa 200
mil réis, mas com a condição de morar sempre
com a filha e largar de beber... há, inclusi-
ve, uma cláusula secreta:

- "Declaro que é minha vontade que de minha ter-
ça, primeiro que tudo, separe-se doze contos
de réis para serem entregues a meu testamen-
teiro, a fim de que êle cumpra uma disposição
particular, conforme lhe recomendo em uma car-
ta fechada, de cuja disposição não será obriga-
do a dar contas e para isso e todos os mais
efeitos de direito considerar a referida carta
como fazendo parte do testamento, mas em caso
algum será junto a êle".

80

1867 - 7 de Setembro. Promove a Marquesa grande cerimônia comemorativa da independência, na histórica colina do Ipiranga. Ali é alinhado o 7º Regimento de Voluntários. Apesar dos seus 67 anos, comparece em pessoa. E surpreende os presentes, entregando a cada soldado dez mil réis e cem mil réis aos oficiais. Jornais que lhe são desaietos, acusando-a sistematicamente de mesquinha e usurária, glozam o fato, ridicularizando a sua maneira de manifestar apreço à independência...

1867 - 3 de Novembro. A velha Marquesa agoniza. Recebe a extrema unção. "O perfil imoto da Marquesa - registra um cronista - mais branco e afilado, ficou nas travesseiras. Nos lençóis alvos e colchas amplas, a sua figura esquelada e ~~uma~~ marmórea era a jazente numa pedra tumbar!"

E ainda, pérgido, continua o ~~emmanis~~ precioso cronista:

"Para que se facilitasse à defunta a passagem nos pórticos dificultosos do céu, reuqaram-na no hábito dos Terceiros Carmelitas e encomendaram-lhe o corpo na Igreja do Carmo."

No dia seguinte, grande séquito de carruagens, ~~as~~ presentes desde as famílias mais abastadas, inclusive Saldanha Marinho, Presidente da Província, como gente do povo, acompanharam o corpo ao cemitério da Consolação.

Declarava o atestado médico: "Atesto que a Exma. Sra. Marquesa de Santos morreu ontem, às 4 e meia da tarde, de uma entero colite".

1868 - Janeiro. Felício Pinto de Mendonça e Castro, filho mais velho, nomeado pela Marquesa seu testamenteiro, ~~assim~~ a propriedade do ~~casarão~~ ~~em nome de espólio~~. ~~Fato e circunstâncias~~ ~~que se passaram~~ ~~depois da morte~~ ~~da Marquesa~~ ~~de Santos~~ ~~em~~ ~~1867~~ ~~em~~ ~~São~~ ~~Paulo~~

1880 - 28 de Maio. A casa é arrematada em ~~asta~~ pública pelo cônego-arcebispo, dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade, em nome da Mitra, por 20 contos. Passa, assim, a casa, a ser sede do ~~arcebispo~~ de São Paulo.

1890 - São procedidas pela Mitra algumas reformas na casa e a construção de uma capela interna e cripta, sob o altar-mór, para os ossos dos preladados. Não há, porém, hoje, vestígio dessa capela.

1909 - 17 de Novembro. A casa é comprada pela Cia. de Gás. Passa por novas reformas, demolição de paredes internas e o pavimento superior é

Morre Felício e o Carlos Sport em haste pública

1879 - 11 de julho

1898 - 3 de julho - Cav. Luis de spinal, o irmão principal, da Marquesa. Deixa 1/3 de 1.303.848\$000 e 1/3 de 470.368\$148

O Poderá perobaf

2/12

adaptado para servir de residência ao gerente da Cia.

- 1935 - Novas reformas. É demolida o avançado com vidraça corrida.
- 1969 - 27 de Outubro. A casa é expropriada pela Prefeitura de São Paulo, como parte do acervo da Cia. de Gás, incorporando-se ao Patrimônio do Município. Pelo acervo global, paga a Prefeitura NCr \$0.554.857,42.

1
142-B

A Casa da Marquesa de Santos
em São Paulo

Carlos A. C. Lemos



Instituto de Estudos Brasileiros — Universidade de São Paulo
Caixa Postal 11.154
São Paulo — Brasil

N. 4 — REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS — N. 4
São Paulo 1968
Separata

A CASA DA MARQUESA DE SANTOS, EM SÃO PAULO (*)

CARLOS A. C. LEMOS

O MUSEU

O tema deste trabalho é um antigo sobrado existente na atual rua Roberto Simonsen, outrora rua do Carmo, no Centro de São Paulo. É, positivamente, a última construção residencial urbana do século XVIII existente entre nós, pois as casas bandeiristas que conhecemos, a de José de Góis e Morais em Santana, a do Tatuapé, a do Butantã e a do Caxingui são construções rurais absorvidas pela cidade que cresceu.

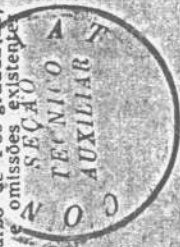
A partir de 1834, aquele edifício passou a ser morada da Marquesa de Santos. Em maio de 1880 foi arrematado pela Cúria Metropolitana e tornou-se Palácio Episcopal. Em 1909 o prédio foi comprado pela Companhia de Gás, após a mudança do bispo para a Rua São Luís.

Interessa-nos restaurar esse sobrado, que milagrosamente escapou da onda avassaladora de demolições impostas em nome do progresso ou do crescimento desordenado da cidade.

Inicialmente pensamos em instalar ali um "Museu Imperial da Província de São Paulo", conforme sugestão do Prof. Marques dos Santos — proposta um tanto romântica ou saudosista e, quem sabe, talvez até inexe-

(*) Monografia de encerramento da disciplina «Restauro e Conservação de Obras de Arte» do 1.º Curso de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Quando, em 8 de fevereiro passado, propusemo-nos a escrever um pequeno trabalho sobre uma possível restauração da Casa da Marquesa de Santos, não sabíamos ainda o que iríamos encontrar naquele imóvel e pensávamos, também, que teríamos o auxílio do arquivo da seção paulista do DPHAN. Imaginávamos, ao mesmo tempo, que muita coisa iríamos descobrir no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. E iludimo-nos, também, quanto ao tempo disponível para a feitura da monografia proposta. O tempo para pesquisas foi escasso e em época de férias que abrangia o Carnaval. Assim, não pudemos pesquisar no arquivo da Cúria porque seus responsáveis não estavam em São Paulo. O arquivo da DPHAN nada possui a respeito — nem uma planilha de foto sequer. Assim, dentro do prazo dado pela direção do 1.º Curso de Pós-graduação, fizemos o que pudemos e pedimos desculpas pelas falhas e omissões existentes neste trabalho. Março, 1965.



quível já que nossos principais documentos relativos aos titulares do Império estão acolhidos no Museu Imperial de Petrópolis, estabelecimento que satisfaz plenamente sua função de retratar os ambientes da nossa antiga aristocracia. Parece-nos que o museu ali possível devesse ter outro tema educativo, ou pelo menos, outra orientação — seria mais interessante, por exemplo, o "Museu dos equipamentos domiciliares" de São Paulo. O porquê dessa proposta é facilmente justificável. Ficamos sabendo que existe no ar, ainda em fase embrionária, a idéia de se criar uma Fundação amparada por todas as empresas do grupo canadense, que controla a São Paulo Light, Cia. Telefônica Brasileira, a Cia. Paulista de Serviços de Gás, Cia. City de Santos etc., cuja sede seria o velho sobrado da Marquesa de Santos devidamente restaurado. Tal fundação teria função cultural. Patrocinaria cursos, conferências e exposições sobre as atividades relacionadas com aqueles serviços de utilidade pública e com o conseqüente progresso de São Paulo. Inicialmente, a idéia é louvável sob um aspecto: o edifício seria preservado. Sua conservação e restauração seria do interesse de seus proprietários, o que é, afinal de contas, inesperado, mormente se levarmos em conta o valor do metro quadrado de terreno no coração de São Paulo, a menos de cem metros da Praça da Sé.

Restaurado o edifício, estudar-se-ia melhor o seu definitivo destino: talvez abrigar no térreo as instalações culturais de interesse dos proprietários; no sobrado, o museu dedicado aos equipamentos das moradias de nosso Império. Não o Museu Imperial da Província, como sugeriu o Prof. Marques dos Santos — mas a reconstituição dos interiores de uma casa urbana paulista do período imperial. Talvez esse museu pudesse ser uma continuação ou ilustração, ou mesmo, complementação das atividades exercidas no térreo. Já que a mencionada Fundação estaria ligada às companhias responsáveis pelo fornecimento de electricidade, gás e telefone — seria interessante que se desse no museu do pavimento superior ênfase maior aos equipamentos destinados em épocas passadas e, principalmente, no século XIX, à iluminação, cocção, comunicação etc. O problema da iluminação, em local à parte, poderia ser estudado desde a candeia a óleo de mamona e a vela de sebo até à lâmpada elétrica, passando pelas luminárias a que-rosene e a gás. Essa seção teria mostruários ostentando a evolução do ferro de passar e engomar roupas. Interessante seria a coleção dos equipamentos das atividades culinárias em geral, que a electricidade e o gás aperfeiçoaram, como os fogões, fogareiros etc. Iriamos do pilão indígena ao liquidificador. Do fumeiro à geladeira elétrica. Quanto aos meios de comunicação, muita coisa interessante surgiria até culminar com o telefone de Graham Bell.

HISTÓRIA DA CASA

A casa da Marquesa de Santos estava situada na esquina da Rua do Carmo com o Beco do Colégio, também chamado Beco do Pinto. E esse beco teve uma história movimentada, foi motivo de uma controvérsia de 1772.

mandas judiciárias e, por isso, estão guardadas nos nossos arquivos informações que interessam à história do sobrado que nos preocupa. Nossa principal fonte de consulta foi o trabalho do historiador Nuto Sant'Ana, publicado na XXVI.ª *Revista do Arquivo Municipal*, em que ele procura contar toda a vida daquele beco estreito, desde a fundação do Colégio de Piratininga até 1935, ano da publicação.

Desde a fundação de São Paulo, o Beco do Colégio era um dos poucos acessos da colina ao rio Tamanduateí. Por ali buscava-se água e levava-se o lixo, a ser depositado nos charcos da várzea do Carmo. Era uma descida estreita e íngreme, bem definida na sua parte inicial, pois estava entre dois sobrados importantes. Abaixo das construções a passagem serpenteava entre as árvores dos quintais. A falta de alinhamentos definidos, o lixo que negros preguiçosos deixavam por ali mesmo e as enchurradas que vinham do Pátio do Colégio foram as principais razões das demandas que se iniciaram em 1821. Dois sobrados delimitavam a boca do beco. Num deles morava a D. Maria Clara Gomes e no outro, o que foi da Marquesa, morava o neurasênico brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme. Naquele ano o brigadeiro fechou a passagem com um portão. A Câmara interpelou-o, pois a servidão de passagem não podia ser eliminada. Depois, o procurador de D. Maria Clara reclamou em juízo contra um muro de taipa que o mesmo cidadão estava fazendo dentro do beco, alargando indevidamente seu quintal e prejudicando a viúva, inclusive na iluminação de seus cômodos terreiros. Lendo a vasta documentação ficamos sabendo que o brigadeiro comprara o sobrado em 1802 e que os antigos possuidores tinham o imóvel desde 1712. Na verdade, não nos interessa no momento descrever as peripécias das demandas iniciadas em 1821. O portão foi aberto, depois fechado e novamente aberto. O muro que invadiu o beco foi demolido à força, suprema humilhação ao brigadeiro Pinto. Mas a Marquesa vingou-o. Depois que comprou o sobrado, em 1834, iniciou de-manda com a Câmara exigindo a reposição do muro demolido em 1826. A Câmara que indenizasse os prejuízos, fazendo novo muro onde achasse certo — o que não podia era o quintal ficar sem fecho ao longo do beco, local de práticas pouco recomendáveis, além de ser o costumeiro depósito de lixo das casas vizinhas. Aliás, devido a essas inconveniências deveria haver mesmo um portão no lugar — portão que se comprometia a deixar aberto durante o dia e fechado a chave durante a noite. Enfim, a história do beco é comprida e monótona. Ele ainda existe até hoje. Em certo lugar é estrangulado por uma construção da Polícia, é verdade, mas continua dando passagem para a rua de baixo. As demandas nos foram úteis em informações sobre o sobrado que nos interessa. Foi adquirido em 9 de fevereiro de 1802 pelo brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme. A construção deve ser da segunda metade do séc. XVIII, como indicam as características de suas envasaduras de vergas curvas. É certo que o brigadeiro dissera que a propriedade estivera em mãos dos antigos donos em 1712. Em todo

caso, pesquisas possíveis no Arquivo do Estado possibilitariam, quem sabe, a determinação exata da idade da velha casa. Em 31 de maio de 1834, D. Maria da Anunciação do Moraes Lara Gavião, filha do brigadeiro, vendeu a propriedade à Domitila de Castro Cento e Melo, a Marquesa de Santos, trazida a São Paulo pelos seus sucessores políticos e amorosos, depois de alguns anos de exílio na Corte do recém-fundado Império. No Rio, ela havia morado em grande residência do séc. XVIII, especialmente reformada para ela, segundo o gosto neoclássico da época. Nesta altura surgem a primeira grande dúvida: teria sido a Marquesa a autora da transformação evidente que passou o sobrado? Reforma que eliminou o beiral fronteiro e colocou platibanda neoclássica arrematando o telhado? Que elevou o pé-direito dos três salões da frente, criando três forros côncavos apainelados? Que para proporcionar a fachada acrescida da platibanda criou novos arremates para as vergas das janelas superiores? Reformou muito semelhante à procedida na velha casa do Rio de Janeiro? Não sabemos. Não sabemos se foi o Brigadeiro, sua filha ou a Marquesa o autor da transformação. O sobrado, herdado o filho mais velho de Domitila: Felício Pinto de Mendonça e Castro, o qual faleceu a 15 de julho de 1879. Pósto em praça, foi arrematado em nome da Mitra pelo cônego-arcepreste dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade, no dia 28 de maio de 1880, por 50 contos de réis. Em 1834 havia custado à Marquesa onze contos e quatrocentos mil réis. O bispo procedeu às reformas, construiu uma capela, não sabemos onde, pois não há vestígios, e sob o altar-mor fez uma cripta para os ossos dos prelados já falecidos. Parece que as reformas dos padres se prolongaram por muitos anos. Tiveram problemas com a parede de taipa contigua ao sobrado da direita, de vizinhos bons que não se importaram em vender uma nesga de terreno de 0,28 m por 9,00 m de comprimento. Os vendedores, herdeiros do dr. Manoel José Chaves fizeram a venda em 1899 para facilitar a feitura de nova parede de tijolos ao longo da divisa "que ia até o cunhal do puxado da cozinha". Essa cozinha parece ser na casa deles e não na do bispo.

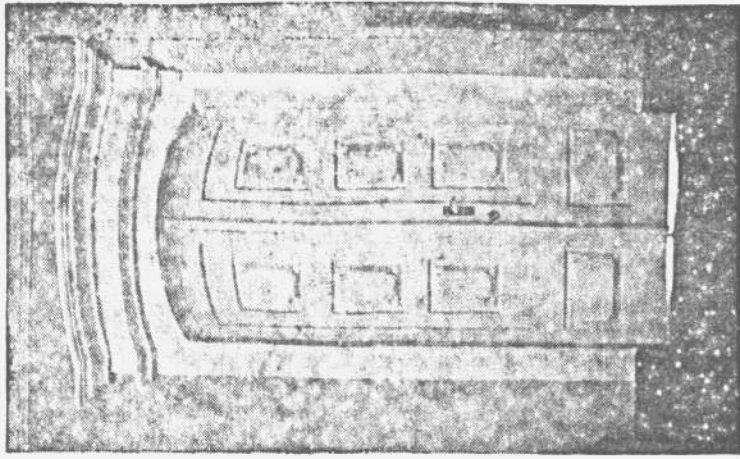
Após a compra de 17 de novembro de 1909, a Cia. de Gás procedeu, também, a reformas importantes. Naquele ano pedia ao Prefeito Antônio Prado licença para fazer obras de "adaptação, constando principalmente, de reparação do madeiramento estragado, substituição de paredes por colunas de ferro e demolição de uma parte da casa para formar uma área que permitirá a penetração do ar e da luz em cômodos hoje escuros, pede a V. Excia. licença para executar tais trabalhos, e também de transformar algumas janelas do pavimento térreo em portas e reabrir uma porta e duas janelas que se acham hoje tapadas, ficando entendido que não se alterará de nenhuma forma a feição da frente e nem se fará trabalho algum, quer na frente quer no telhado (no qual não se propõe fazer senão concertos) que importe em aumento da vida natural do prédio. Nesses termos," etc. etc. A última frase da petição parece referir-se ao desejo antigo da

alinhamento da rua do Carmo — a "vida natural" do prédio não poderia ser prolongada. Pelo requerimento acima vê-se que as mutilações foram grandes, pois foi criada vasta área descoberta ao longo da divisa lateral, justamente ao longo da nesga comprada anos antes. Paredes térreas do lanço central foram demolidas e substituídas por colunas de ferro fundido. Nessa oportunidade desejavam fazer salão térreo imponente e, além de criar grande vão livre, aumentaram o pé-direito suspendendo o soalho do salão central superior. No pavimento de cima foi instalada a residência do Gerente da companhia. Em 1935 houve nova grande reforma. Toda a parte posterior do sobrado (o último pavimento era avarandado com vidraria corrida) foi demolida para dar lugar a novos salões de estúdio. Apesar de todas as reformas, demolições e acréscimos o imóvel ainda conserva certa dignidade e grandeza entre os arranha-céus em volta.

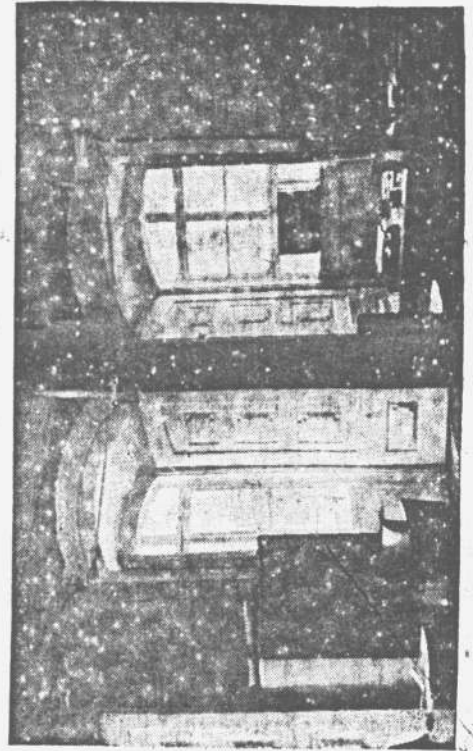
PESQUISA NO LOCAL

Evidentemente os trabalhos de aborçagem que devem anteceder à restauração seriam agora impossíveis por razões óbvias. Necessariamente as paredes deveriam ser racionalmente desprovidas de seus revestimentos para se tornarem visíveis as marcas ou vestígios de reformas havidas, e paredes demolidas, de envasaduras tapadas, etc. Os pisos de madeira do segundo pavimento são de tábuas largas de canela preta em cômodos sabidamente antigos: de tacos de madeira em outros locais, mostram com certa precisão onde terminam os aposentos velhos e começam as salas novas de pisos de laje de concreto. Esses soalhos antigos poderiam ser removidos para análise dos barrotes e dormentes de sustentação que talvez pudessem dizer algo sobre a feição antiga da planta. No térreo, valetas deveriam ser abertas para interceptar vestígios de fundações antigas de paredes já demolidas. O madeiramento atual do telhado, que ainda mostra armaduras antigas de pauis roliços poderia ser descoberto e analisado, principalmente na parte da frente, onde em época não sabida foram introduzidos os três forros abobadados em forma de gamela e guarnecidos de painéis que, com certeza, foram decorados. Testes sob a pintura atual daqueles forros e das portas internas deveriam ser feitos. Enfim, grande série de providências necessárias à reconstrução dos ambientes antigos deveria ser tomada em época oportuna, que não seria agora com a Companhia de Gás ali instalada em pleno funcionamento burocrático. No momento atual, a direção daquela Companhia procura dar feição antiga a certos ambientes e locais desfigurados por reformas anteriores. Está, inclusive, trocando fôlhas e arcos de portas e janelas novas por cópias das antigas ainda remanescentes no prédio. Assim procedendo, tornou-se necessário, na parede lateral da caixa de escada n.º 1 (vide planta A), remover parte do revestimento. Surgiram os materiais de construção testemunhando naquele local reformas procedidas em pelo menos duas ocasiões. A parede, acima do

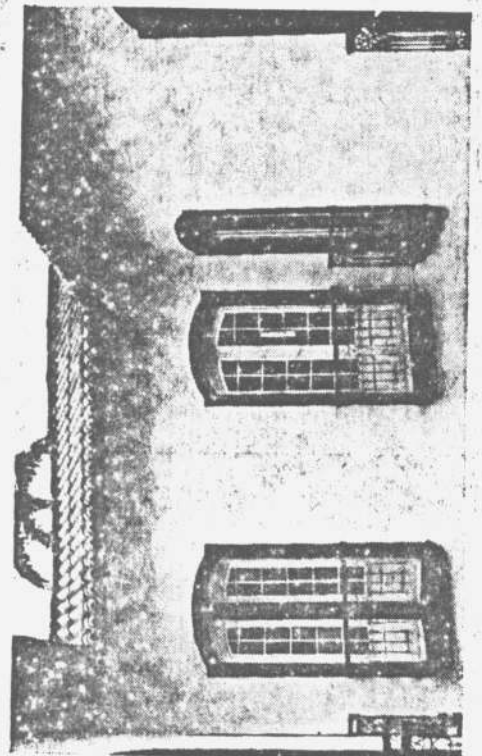
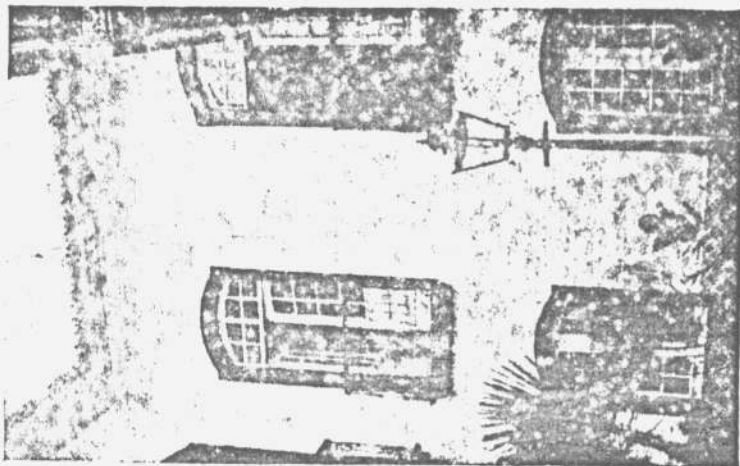


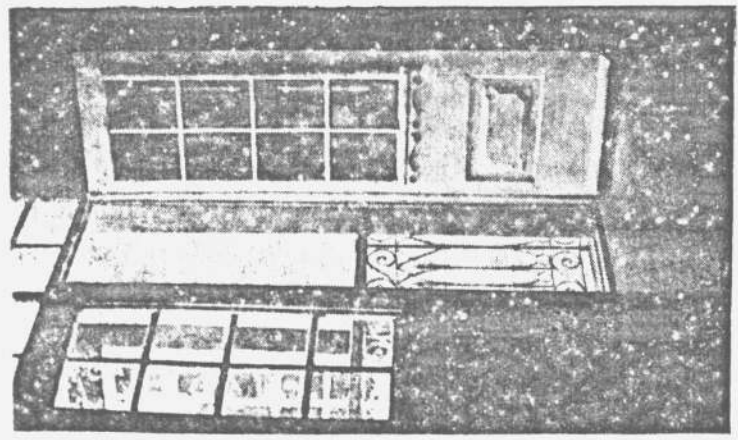
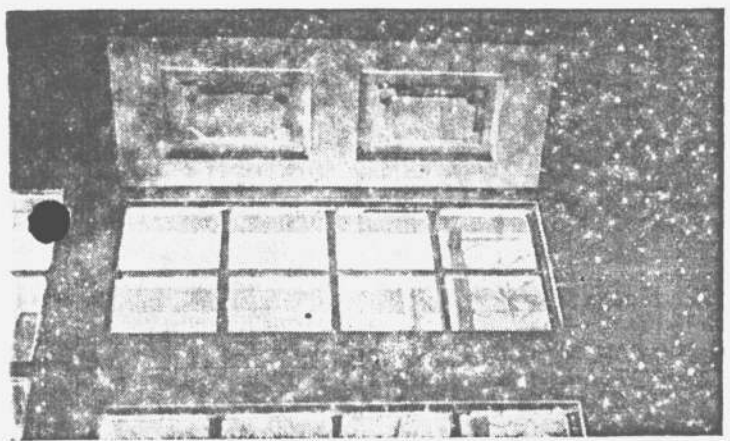


Fotos 5 e 6A — Portas almoojadas do salão na quina com o beco.



Fotos 3 e 5A — Vistas do pátio interno. Os gradis de ferro forjado dos balcões parecem ser contemporâneos às reformas efetuadas pelo bispo.





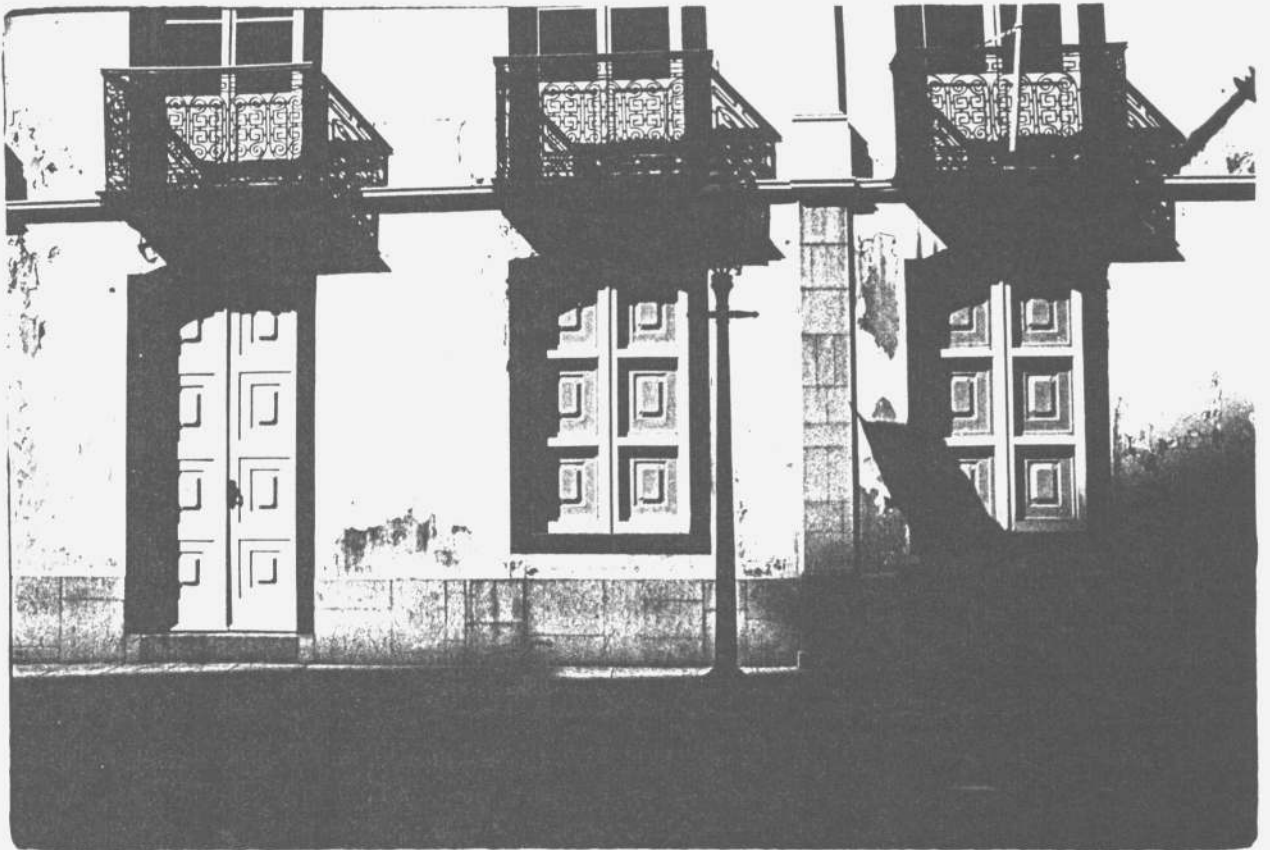
Fotos 7 e 7A — Porta de postigo dando para o balcão sobre o pátio.



34

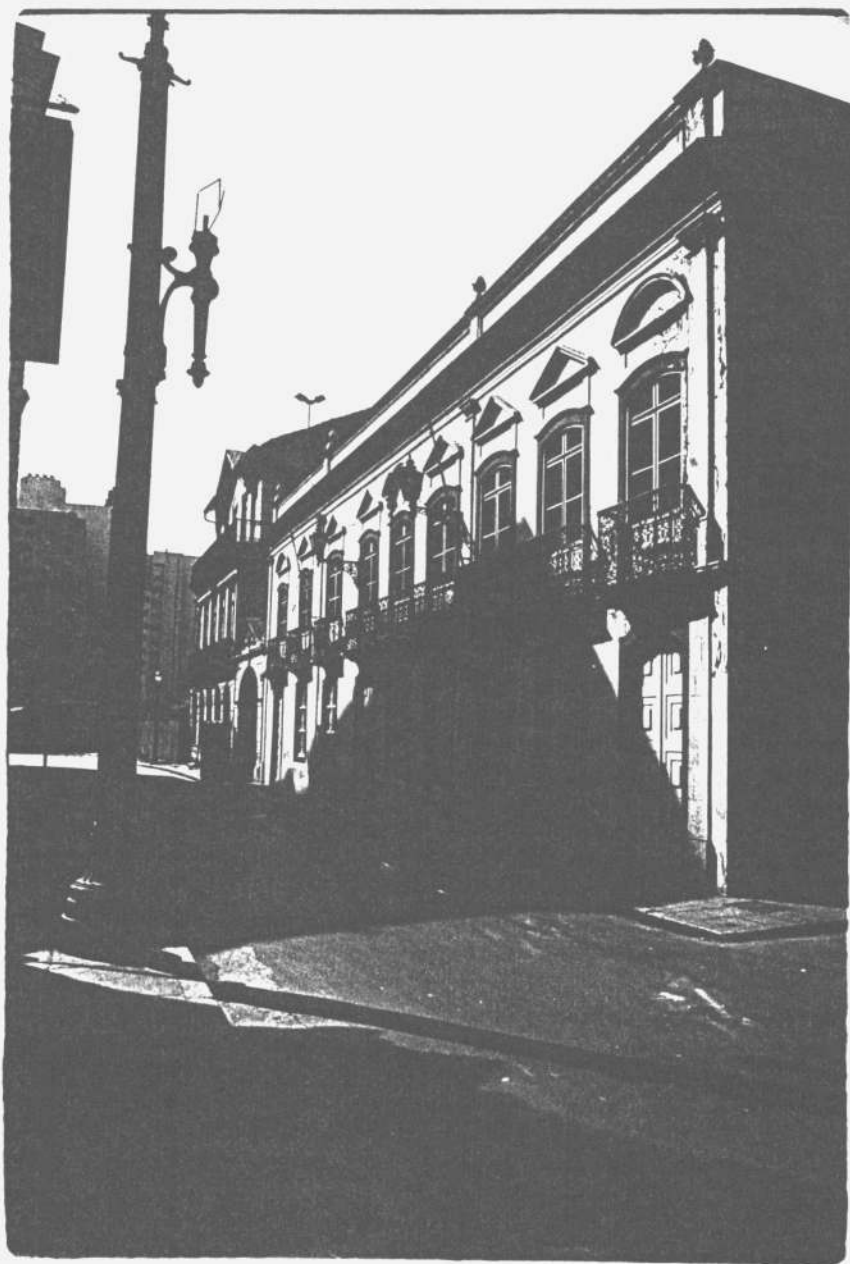


54/1



54/1

357

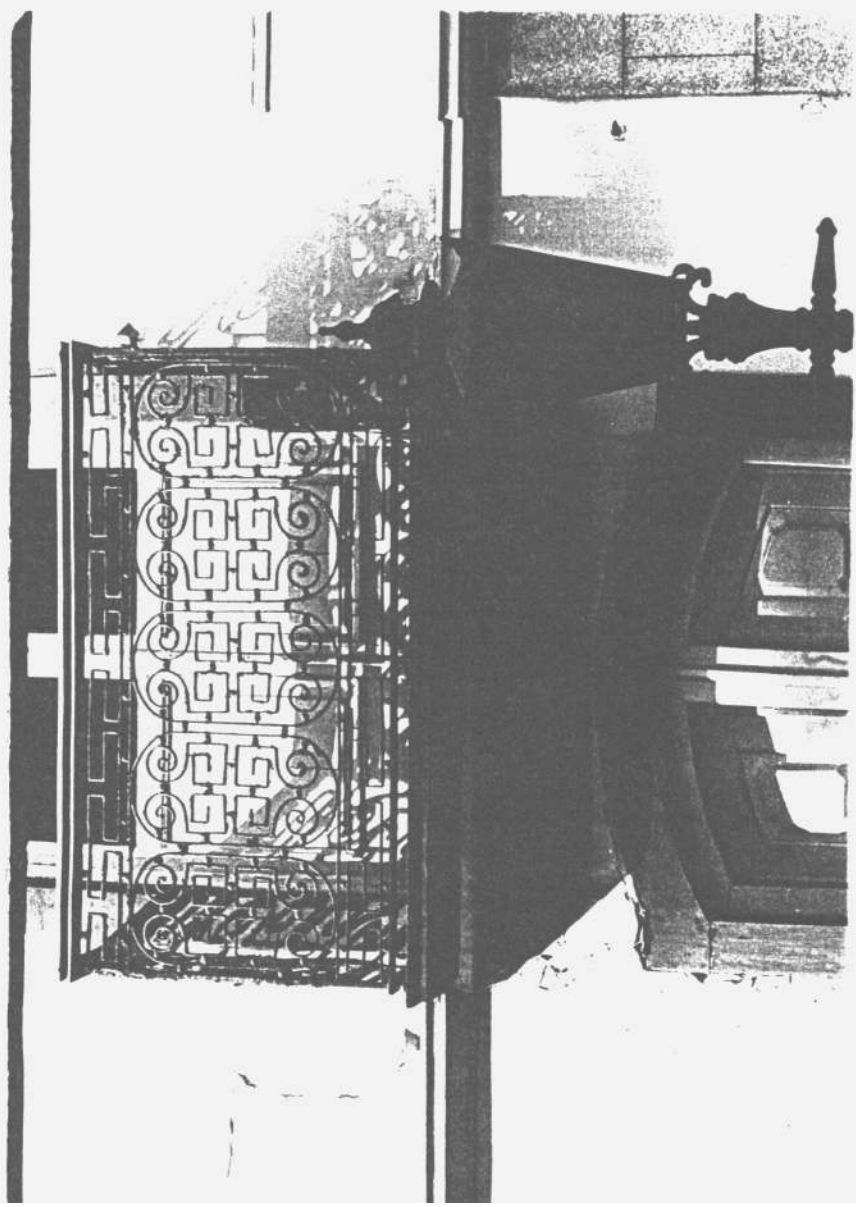


54/2

36

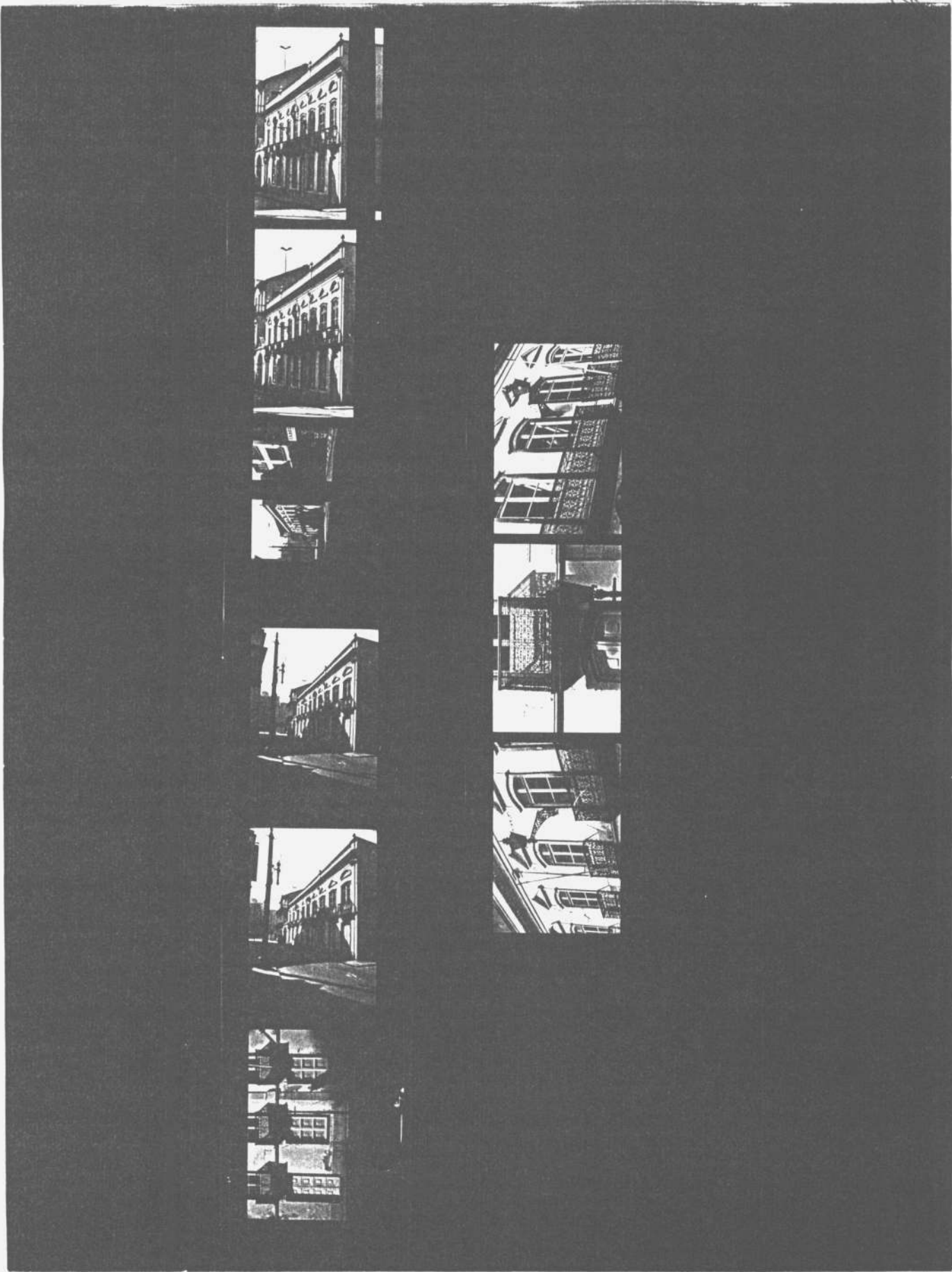


54/7



54/8

3X



Solan de Marquesa de Santos
Nº 54 - LEW PARRELLA

A história da Marquesa de Santos, a mulher que conquistou D. Pedro I.
Titília, o xodó do imperador

ERICA KNAPP

"Permita-me, cara Titília, que eu vá lá esta noite e para isso manda estar aberta a porta na forma de costume".

Dom Pedro 1.º mandava constantes bilhetes à sua amada, a Marquesa de Santos. Recados que não estão nos livros adotados nas escolas mas que, sem dúvida, também fazem parte da História do Brasil. Afinal, dona Domitila de Castro Canto e Melo, depois da morte de dona Leopoldina, quase foi a segunda imperatriz do Brasil. Mais: do imperador teve vários filhos — as meninas Isabel Maria (Duquesa de Goiás), Maria Isabel (Duquesa do Ceará), Maria Isabel (Condessa de Iguacu) e João. Este e Isabel Maria morreram ainda pequenos.

O primeiro encontro dos dois foi romântico. O príncipe ia a cavalo, com a sua escolta de dragões quando encontrou Domitila numa cadeirinha, carregada por escravos. Então, a morena paulista entreabriu a cortina para ver os militares e Dom Pedro não perdeu tempo para fazer seu galanteio. Desceu do cavalo e ofereceu-se:

"Que descansem os pobres escravos! Eu e um dos meus companheiros levaremos a cadeirinha de Vossa mercê!"

Depois, dizem os historiadores, Dom Pedro foi pousar na casa de João de Castro Canto e Melo, pai de Domitila, persuadindo-o a mudar-se para o Rio de Janeiro com toda a família. Mais tarde, a bela paulista divorciada e mãe de três filhos (ela se casara aos quinze anos com o alferes Felício Muniz Pinto Coelho de Mendonça) foi morar na Corte, próximo a Dom Pedro, agora Imperador. Aos 28 anos, dona Domitila tornou-se viscondessa e depois, Marquesa de Santos, Dama do Paço e camarista da Imperatriz (uma maneira de ter livre acesso ao Palácio Real evitando a "má língua" do povo).

Para a época foi um amor muito liberal. Dom Pedro não tinha pejo (para usar uma palavra antiga) em se apresentar com Domitila em público e eram frequentes suas visitas à camarista mesmo de dia. A História conta que Dom Pedro tinha sempre um cavalo selado à porta do Palácio e outros na casa da Marquesa: logo que recebia recado de Dona Leopoldina, a Imperatriz, corria de volta ao lar oficial. No dia 2 de dezembro de 1825, nascia o futuro D. Pedro 2.º, filho do Imperador com dona Leopoldina; cinco dias depois, nascia Pedro de Alcântara Brasileiro, filho de D. Pedro com a Marquesa. Domitila morava no solar da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, hoje propriedade do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Com todo seu temperamento arrebatado e lusitano, Dom Pedro 2.º extravasava-se em carinhos com a Marquesa. Ela era a "filha, querida marquesa, cara Titília, meu único pensamento, meu amor e meu tudo". E muitas vezes nos bilhetes mandados através do seu chalaça fiel, estava assinado "Demonão" ou "Fogo Fogueiro".

Debret, o pintor oficial da Corte, testemunhou a beleza de Domitila.

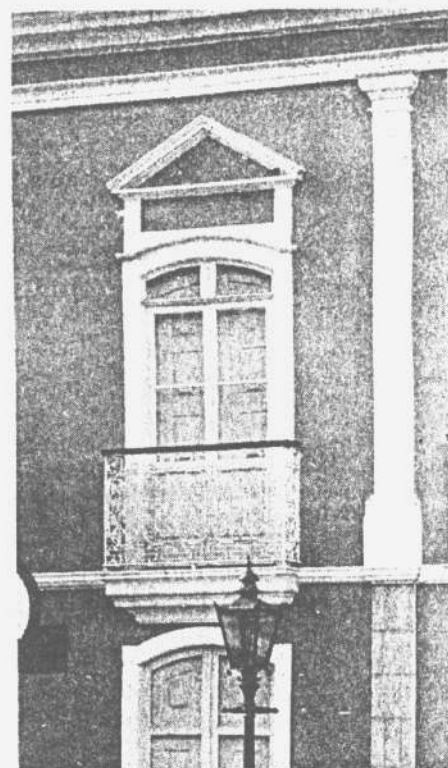
"Era alta, majestosa de estatura, com admirável harmonia e perfeição nas formas e contornos de seu corpo; e formosa de rosto a obrigar a contemplação de todos; tinha no andar e nos modos enlevadora graça; maravilhava



Domitila de Castro Canto e Melo viveu 70 anos e teve quatro filhos de D. Pedro I.



Ao fundo, o casarão onde Domitila viveu até sua morte, em novembro de 1867.



Quantos che...
 sarão de...
 Simons...
 mandava...
 zea do...
 imóvel...
 gramad...
 na época

Era ma...
 senhora...
 Gavião...
 concret...
 de algu...
 centro...
 Colégio...
 sua mor...

Mas a...
 muito a...
 das ma...
 tempo...
 abastad...
 abrigou...
 escritór...
 com a l...
 de cidad...
 partame...
 da Prefe...
 para r...
 decidir...
 denar d...
 tauraçã...

A prin...
 inventár...
 aberto...
 tes no...
 sobrado...
 junto a...
 paradas...
 ela val...
 por com...
 depois d...

Quando...
 propriec...
 pessoas...
 morava...
 Compan...
 Inglesa...
 cials mo...

Inicial...
 tos (depe...
 unlu um...
 um só)

Pedro I e quase se tornou a imperatriz do Brasil

o caso da Marquesa para o povo

CELSON MARINHO

do a senhora Marquesa de San-
 gou às janelas do fundo do ca-
 a rua do Carmo (hoje Roberto
 en) e delas pôde ver o rio Ta-
 tei correndo manso pela vár-
 Carmo, decidiu comprar o
 O quintal era um imenso
 o que ia até as margens do rio,
 a, ainda próprio para o banho.

o de 1834 e o negócio, com uma
 Anunciação Moraes Lara
 (que herdou a casa do pai), foi
 zado logo e a Marquesa, depois
 nas reformas, veio morar no
 a cidade, a poucos passos do
 dos Jesuítas, onde viveu até
 e a 3 de novembro de 1867.

história do casarão começa
 tes. A casa que abrigou uma
 cores figuras paulistas do
 o Império foi residência de
 os e marquesas, cortiço,
 bispos, foi Palácio Episcopal e
 o da Companhia de Gás. Hoje,
 importância de ser a maior casa
 e conhecida, é a sede do De-
 nto do Patrimônio Histórico
 itura, que já iniciou os planos
 restaurá-la, faltando apenas
 como será usada para coor-
 evidamente o projeto de res-

neira referência à casa está no
 lo de Francisco Dias Velho,
 m 1689. Entre os bens constan-
 nventário estavam casas de
 s, de 3 lances, uma das quais
 o Colégio dos Jesuítas, se-
 pelo beco do colégio. Depois
 passando, ou por herança ou
 pra, por vários donos antes e
 e ser ocupada pela Marquesa.

a Cúria perdeu o interesse pela
 ade, que estava em mãos de
 umildes que, noseupisoinferior,
 n amontoadas, vendeu-a à
 nia de Gás, então uma firma
 que fez talvez as mais substan-
 dificações.

mente com 38 compartimen-
 ls de uma grande reforma que
 casarão ao outro formando
 ela foi profundamente modi-

ficada, até 1957, quando a Companhia
 construiu um anexo, quase tão grande
 quanto a casa, debruçado no morro que
 começa no Pátio do Colégio e desce até
 o rio. A 27 de outubro de 1969 foi incor-
 porada ao Patrimônio Municipal e está
 tombada pelo Governo do Estado.

Murillo Marx, diretor do Departamen-
 to do Patrimônio Histórico, é o res-
 ponsável pela restauração da casa ao
 lado, chamada de casa 1, onde fun-
 ciona atualmente a Secretária da Cul-
 tura do Município. Segundo ele, as
 casas vizinhas passarão por res-
 tauração semelhante:

"A casa tem cerca de 2 mil metros de
 área construída, com 4 andares (ori-
 ginalmente tinha 3) 2 na frente e 4 nos
 fundos, aproveitando o declive do
 terreno. Nos seus dois séculos de exis-
 tência já passou por incontáveis refor-
 mas. A parte da frente é de taipa de
 pilão, do século 18, e a parte que dá
 para o beco da Marquesa ainda conserva
 estas características. Mas a fachada
 foi reformada provavelmente
 antes de ser ocupada pela marquesa e
 as janelas e grades foram modificados
 para um estilo neo-clássico. A parte do
 fundo é de concreto armado, sem
 nenhuma ligação com a frente".

Por todas as reformas que passou, a
 casa perdeu algumas de suas caracte-
 rísticas. Em nenhuma das remode-
 lações foi levado em conta o fator
 histórico. Segundo Murillo, esta
 preocupação surgiu somente agora e já
 apresentou muitos inconvenientes,
 devido à mistura de estilos incorpo-
 rados por cada reforma: "A única
 planta que temos é do tempo que a casa
 passou para os ingleses que montaram
 os escritórios da Companhia de Gás.

Como a legislação proíbia que as lojas
 estivessem no nível da rua, eles cons-
 truíram uma elevação do piso, um dos
 pontos de maior desfiguração do estilo.

Meticulosos como são os ingleses, para
 colocar o prédio em condições de
 abrigar os escritórios, fizeram antes
 várias plantas detalhadas da casa".

Mas ainda é possível imaginar a
 beleza da residência, nos tempos que
 era ocupada pela Marquesa. Seus
 cômodos recebem a luz de um pátio in-

terno que, como qualquer mansão que
 se prezasse, tem ainda o chafariz, num
 dos lados. No centro do pátio, um can-
 teiro com samambaias e folhagens e
 nas paredes ainda estão lá os azulejos
 portugueses. As paredes altas, de taipa
 com quase meio metro de largura, es-
 tão pintadas de bege. Mas as prospec-
 ções revelaram que antes elas eram
 decoradas com pinturas bucólicas, que
 serão restauradas. No salão central
 que como todos tem o assoalho de
 tábuas de 30 cm de largura, está pen-
 durado o quadro da senhora Marquesa,
 pintado no final de sua vida e deixado
 pelos herdeiros sob a custódia do pa-
 trimônio.

O forro, que atualmente passa por
 um trabalho de imunização contra in-
 setos xilófobos encomendado ao Ins-
 tituto de Pesquisas Tecnológicas da
 USP é todo de madeiras e os desenhos
 formados pelas vigas não se repetem
 de cômodo para cômodo. Algumas
 vigas de ferro, colocadas pelos ing-
 leses, destoam um pouco da estrutura
 inicial, mas nos fundos, a palmeira im-
 perial centenária (havia duas, mas há
 poucos anos uma adoeceu, sendo cor-
 tada) foi mantida com sua imponência
 de quase 8 metros.

Segundo Murillo, as dificuldades de
 restaurações deste tipo são inúmeras.
 Num caso como este, geralmente não é
 possível estabelecer o que fazer. Ten-
 tar voltar ao que era é uma saída, mas
 voltar ao que era quando? No século 18
 foi de um jeito, no 19 de outro. Muitos
 aspectos introduzidos depois podem
 ser tanto ou mais importantes que os
 originais. Por isto é necessário um es-
 tudo criterioso para estabelecer as
 bases da restauração:

"O mais importante é estabelecer
 antes o destino que será dado à casa
 restaurada, para poder coordenar a
 recomposição com as benfeitorias
 para deixá-la apta para receber uma
 Secretaria, uma escola ou um museu.

Muita gente acha que as construções an-
 tigas devem ser restauradas para
 virar museu. Eu não acho. Se fizermos
 todas as recuperações que a cidade es-
 tá exigindo, teremos mais museus que
 visitantes. Pode muito bem ser feita
 uma restauração num prédio que
 abrigue uma parte de administração
 que receba público."

...tou D. Pedro I e quase se tornou a imperatriz do Brasil

A casa da Marquesa para o povo

CELSO MARINHO

Quando a senhora Marquesa de Santos chegou às janelas do fundo do casarão da rua do Carmo (hoje Roberto Simonsen) e delas pôde ver o rio Tamaquateí correndo manso pela várzea do Carmo, decidiu comprar o imóvel. O quintal era um imenso gramado que ia até as margens do rio, na época, ainda próprio para o banho.

Era maio de 1834 e o negócio, com uma senhora Anunciação Moraes Lara Gavilão (que herdou a casa do pai), foi concretizado logo e a Marquesa, depois de algumas reformas, veio morar no centro da cidade, a poucos passos do Colégio dos Jesuítas, onde viveu até sua morte a 3 de novembro de 1867.

Mas a história do casarão começa muito antes. A casa que abrigou uma das maiores figuras paulistanas do tempo do Império foi residência de abastados e marquesas, cortiço, abrigou bispos, foi Palácio Episcopal e escritório da Companhia de Gás. Hoje, com a importância de ser a maior casa de cidade conhecida, é a sede do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura, que já iniciou os planos para restaurá-la, faltando apenas decidir como será usada para coordenar devidamente o projeto de restauração.

A primeira referência à casa está no inventário de Francisco Dias Velho, aberto em 1689. Entre os bens constantes no inventário estavam casas de sobrados, de 3 lances, uma das quais junto ao Colégio dos Jesuítas, separadas pelo beco do colégio. Depois ela vai passando, ou por herança ou por compra, por vários donos antes e depois de ser ocupada pela Marquesa.

Quando a Cúria perdeu o interesse pela propriedade, que estava em mãos de pessoas humildes que, no seu piso inferior, moravam amontoadas, vendeu-a à Companhia de Gás, então uma firma inglesa, que fez talvez as mais substanciais modificações.

Inicialmente com 38 compartimentos (depois de uma grande reforma que uniu um casarão ao outro formando um só) ela foi profundamente modi-

ficada, até 1957, quando a Companhia construiu um anexo, quase tão grande quanto a casa, debruçado no morro que começa no Pátio do Colégio e desce até o rio. A 27 de outubro de 1969 foi incorporada ao Patrimônio Municipal e está tombada pelo Governo do Estado.

Murillo Marx, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico, é o responsável pela restauração da casa ao lado, chamada de casa 1, onde funciona atualmente a Secretária da Cultura do Município. Segundo ele, as casas vizinhas passarão por restauração semelhante:

"A casa tem cerca de 2 mil metros de área construída, com 4 andares (originalmente tinha 3) 2 na frente e 4 nos fundos, aproveitando o declive do terreno. Nos seus dois séculos de existência já passou por incontáveis reformas. A parte da frente é de talpa de pilão, do século 18, e a parte que dá para o beco da Marquesa ainda conserva estas características. Mas a fachada foi reformada provavelmente antes de ser ocupada pela marquesa e as janelas e grades foram modificados para um estilo neo-clássico. A parte do fundo é de concreto armado, sem nenhuma ligação com a frente".

Por todas as reformas que passou, a casa perdeu algumas de suas características. Em nenhuma das remodelações foi levado em conta o fator histórico. Segundo Murillo, esta preocupação surgiu somente agora e já apresentou muitos inconvenientes, devido à mistura de estilos incorporados por cada reforma: "A única planta que temos é do tempo que a casa passou para os ingleses que montaram os escritórios da Companhia de Gás.

Como a legislação proibia que as lojas estivessem no nível da rua, eles construíram uma elevação do piso, um dos pontos de maior desfiguração do estilo.

Meticulosos como são os ingleses, para colocar o prédio em condições de abrigar os escritórios, fizeram antes várias plantas detalhadas da casa".

Mas ainda é possível imaginar a beleza da residência, nos tempos que era ocupada pela Marquesa. Seus cômodos recebem a luz de um pátio in-

terno que, como qualquer mansão que se prezasse, tem ainda o chafariz, num dos lados. No centro do pátio, um canteiro com samambaias e folhagens e nas paredes ainda estão lá os azulejos portugueses. As paredes altas, de taipa com quase meio metro de largura, estão pintadas de bege. Mas as prospecções revelaram que antes elas eram decoradas com pinturas bucólicas, que serão restauradas. No salão central que como todos tem o assoalho de tábuas de 30 cm de largura, está pendurado o quadro da senhora Marquesa, pintado no final de sua vida e deixado pelos herdeiros sob a custódia do patrimônio.

O forro, que atualmente passa por um trabalho de imunização contra insetos xilófobos encomendado ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas da USP é todo de madeiras e os desenhos formados pelas vigas não se repetem de cômodo para cômodo. Algumas vigas de ferro, colocadas pelos ingleses, destoam um pouco da estrutura inicial, mas nos fundos, a palmeira imperial centenária (havia duas, mas há poucos anos uma adoeceu, sendo cortada) foi mantida com sua imponência de quase 8 metros.

Segundo Murillo, as dificuldades de restaurações deste tipo são inúmeras. Num caso como este, geralmente não é possível estabelecer o que fazer. Tentar voltar ao que era é uma saída, mas voltar ao que era quando? No século 18 foi de um jeito, no 19 de outro. Muitos aspectos introduzidos depois podem ser tanto ou mais importantes que os originais. Por isto é necessário um estudo criterioso para estabelecer as bases da restauração:

"O mais importante é estabelecer antes o destino que será dado à casa restaurada, para poder coordenar a recomposição com as benfeitorias para deixá-la apta para receber uma Secretária, uma escola ou um museu.

Muita gente acha que as construções antigas devem ser restauradas para virar museu. Eu não acho. Se fizermos todas as recuperações que a cidade está exigindo, teremos mais museus que visitantes. Pode muito bem ser feita uma restauração num prédio que abrigue uma parte de administração que receba público."

Im
des
que
mai
Ma:
o c:
Don
da
sep.
am.
C
bill
sab
tra
con
ma
fale
"
a r
ma
pa
sin
Na
cal
Bil
Pe
col
Le
am
ac
Pa
Do
de
ta:
pre
Ma
do
del
val
no
cor
for
e c
mo
tal
"I
de
Col
I
gul
"D
che
ma
mu
to,
Tit
qui
que
see
Do
to
C

A história da Marquesa de Santos, a mulher que conquistou

Titília, o xodó do imperador

ERICA KNAPP

"Permita-me, cara Titília, que eu vá lá esta noite e para isso manda estar aberta a porta na forma de costume".

Dom Pedro 1.^o mandava constantes bilhetes à sua amada, a Marquesa de Santos. Recados que não estão nos livros adotados nas escolas mas que, sem dúvida, também fazem parte da História do Brasil. Afinal, dona Domitila de Castro Canto e Melo, depois da morte de dona Leopoldina, quase foi a segunda imperatriz do Brasil. Mais: do imperador teve vários filhos — as meninas Isabel Maria (Duquesa de Goiás), Maria Isabel (Duquesa do Ceará), Maria Isabel (Condessa de Iguaçú) e João. Este e Isabel Maria morreram ainda pequenos.

O primeiro encontro dos dois foi romântico. O príncipe ia a cavalo, com a sua escolta de dragões quando encontrou Domitila numa cadeirinha, carregada por escravos. Então, a morena paulista entreabriu a cortina para ver os militares e Dom Pedro não perdeu tempo para fazer seu galanteio. Desceu do cavalo e ofereceu-se:

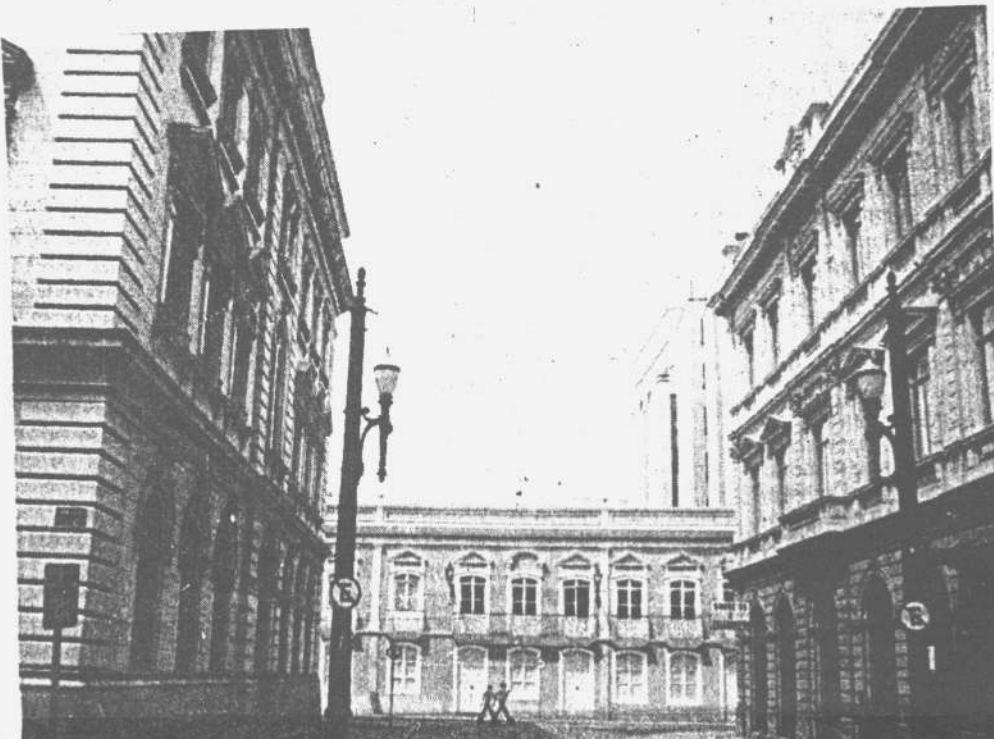
"Que descansem os pobres escravos! Eu e um dos meus companheiros levaremos a cadeirinha de Vossa mercê!"

Depois, dizem os historiadores, Dom Pedro foi pousar na casa de João de Castro Canto e Melo, pai de Domitila, persuadindo-o a mudar-se para o Rio de Janeiro com toda a família. Mais tarde, a bela paulista divorciada e mãe de três filhos (ela se casara aos quinze anos com o alferes Felício Muniz Pinto Coelho de Mendonça) foi morar na Corte, próximo a Dom Pedro, agora Imperador. Aos 28 anos, dona Domitila tornou-se viscondessa e depois, Marquesa de Santos. Dama do Paço e camarista da Imperatriz (uma maneira de ter livre acesso ao Palácio Real evitando a "má língua" do povo).

Para a época foi um amor muito liberal. Dom Pedro não tinha pejo (para usar uma palavra antiga) em se apresentar com Domitila em público e eram frequentes suas visitas à camarista mesmo de dia. A História conta que Dom Pedro tinha sempre um cavalo selado à porta do Palácio e outros na casa da



Domitila de Canto Castro Melo viveu 70 anos e teve quatro filhos de D. Pedro I.



CONDEPHAAT

Sessão Técnico-Auxiliar - Hemeroteca

Assunto *SPL - Roberto Linhares*

Sen. Raul

Jornal *Estado Popular*

Data *26.01.94*

39

Inaugurado Museu da Cidade

Yone Guedes

A inauguração do Museu da Cidade de São Paulo, que funciona na Casa da Marquesa de Santos, foi rápida e simples. O prefeito Paulo Maluf dispensou a cerimônia oficial, não fez discurso, deu uma volta pelo museu e descerrou a placa de inauguração ao lado do secretário da Cultura, Rodolfo Konder. A banheira da marquesa de Santos, que, segundo a placa informativa, provavelmente ficava no solar da casa, chamou a atenção do prefeito, que fez questão de olhá-la bem de perto. A visita à XXI Festa do Verde, no parque do Ibirapuera, foi mais demorada.

O prefeito chegou ao Ibirapuera pouco depois do meio-dia e quis impressionar um casal de turistas falando outros idiomas. Começou pelo árabe, depois inglês, francês e alemão. A intervenção do presidente da Câmara Municipal, vereador Miguel Colasuonno (PPR), aconteceu na hora certa: "Este é o prefeito de São Paulo", disse em inglês. Depois da explicação, o turista compreendeu a insistência de Maluf em dizer-lhe que era bem-vindo à cidade.

Em seguida, Maluf deu uma volta pelo parque, entrou na feira e distribuiu beijos em crianças e mães e cumprimentou a todos que encontrou em seu caminho. Ele ganhou uma flor cultivada em Roselândia, mas o que lhe chamou a atenção mesmo foram os bonsais — árvores em miniatura cultivadas pelos japoneses.

"Quero comprar alguns e levar pa-



Imóvel foi da marquesa de Santos

ra minha casa em Campos do Jordão. Mas será que eles resistem a baixas temperaturas?", perguntou Maluf depois de ganhar um exemplar de um expositor.

Na saída, Maluf não resistiu e parou para tomar um sorvete duplo de ameixa com pistache, pelo qual pagou CR\$ 900,00. "É bom voltar a ser criança de vez em quando", disse. Do Ibirapuera, o prefeito foi ao velório da mãe do arquiteto Júlio Neves, responsável pelo projeto Operação Urbana Faria Lima, no Hospital Albert Einstein, no Morumbi.

40

Casa da Marquesa de Santos começa a ser restaurada

As obras de restauração do casarão onde morou a Marquesa de Santos na antiga rua do Carmo nº 3 (hoje Rua Roberto Simonsen, 136), que começam oficialmente hoje, vão custar Cr\$ 420 milhões e levar 18 meses.

A Secretaria Municipal de Cultura está iniciando a recuperação do Solar da Marquesa com recursos que cobrem pouco mais de 5% dos gastos previstos. Para que as obras terminem no prazo, a secretária Marilena Chauí espera contar com o apoio de empresas particulares.

O casarão, que fica ao lado do Pátio do Colégio, no Centro Velho, tem grande valor histórico e arquitetônico, por ser o último exemplar na cidade da arquitetura residencial urbana do século XVIII.

No dia 1º de abril de 1834, o casarão se tornou propriedade de Maria Domitila de Castro Canto e Mello, a Marquesa de Santos, amante de D. Pedro I. A marquesa veio morar em São Paulo depois do fim de seu romance com o imperador, que durou de 1822 a 1829, e ficou no casarão até morrer, em 1867. Mas o primeiro registro da casa é de 1730, em carta enviada pelo Morgado de Matheus, administrador da cidade, para o conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, governante de Portugal.



Maurilio Claretto/AE

Solar da Marquesa: restauração vai custar Cr\$ 420 milhões

Somente a partir de 1802, contudo, é que a sucessão de proprietários por que passou o imóvel está documentada. Em 1802, o Brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme recebeu o casarão como pagamento de dívidas. Depois de 32 anos, vendeu-o para a Marquesa de Santos. Em 1880, a Arquidiocese de São Paulo arrematou o solar em um leilão e nele instalou o Palácio Episcopal. Em 1890 o casarão passou por reformas, com a inclusão de elementos neoclássicos

na fachada, voltada, agora, para a Rua do Carmo.

A Companhia Paulista de Gás (Comgás) comprou o imóvel em 1909, e construiu, nos fundos, um pequeno prédio de cinco andares, fazendo ainda várias mudanças na sua estrutura. Foram 66 anos nas mãos da Comgás, até a doação do prédio, tombado pelo Condephaat quatro anos antes, à Secretaria Municipal de Cultura, em 1975. A casa está fechada há sete anos.

Solar da Marquesa de Santos está ruindo e Prefeitura de SP é acusada de descaso

Paulo Cerciani

Da Reportagem Local

O solar da Marquesa de Santos e a Casa nº 1, no Pátio do Colégio, estão se perdendo. Únicos exemplares paulistanos de arquitetura residencial urbana construídos em taipa de pilão que ainda restam na cidade de São Paulo, os edifícios têm tamanha importância na memória paulistana, que o deputado federal Fábio Feldmann (PMDB-SP) entrou no dia 29 de janeiro último com pedido de abertura de inquérito civil, junto à Curadoria do Meio Ambiente, a fim de apurar as razões do descaso da administração municipal quanto aos dois monumentos.

A antiga residência da marquesa foi tombada em 1971 pelo Condephat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), e a Casa nº 1 fica dentro de seu raio de proteção, além de estar incluída na lei municipal Z-8.200.

Apesar disso, a falta de cuidados da Prefeitura é visível: na casa da marquesa as portas e janelas permanecem abertas, permitindo a penetração da chuva e de pombos, parte do telhado veio abaixo num dos salões superiores, e as valas abertas para prospecções arqueológicas estão há muito tempo abandonadas.

Tapumes

Os prédios foram recentemente cercados por novos tapumes de segurança, que além de impedir os vandalismos que vinham acontecendo sustentam as sacadas e o teto do solar para que não desmoronem. Em péssimo estado de conservação, a Casa nº 1 está com suas fundações comprometidas, tem profundas ra-

chaduras nas paredes e ameaça ruir.

Composta por dois sobrados vizinhos que foram unificados, a casa de Maria Domitila de Castro Canto e Mello — nome completo da marquesa — apresenta características arquitetônicas que localizam sua construção na última metade do século 18.

Uma das residências mais aristocráticas da cidade desde 1834 (data em que foi adquirida) até o falecimento de sua proprietária, em 1867, o edifício teve vários usos no decorrer de sua história: já foi Palácio Episcopal, escritório da Cia. Paulista de Gás e a Secretaria Municipal de Cultura. Atualmente abriga a seção de Iconografia e Museus do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura.

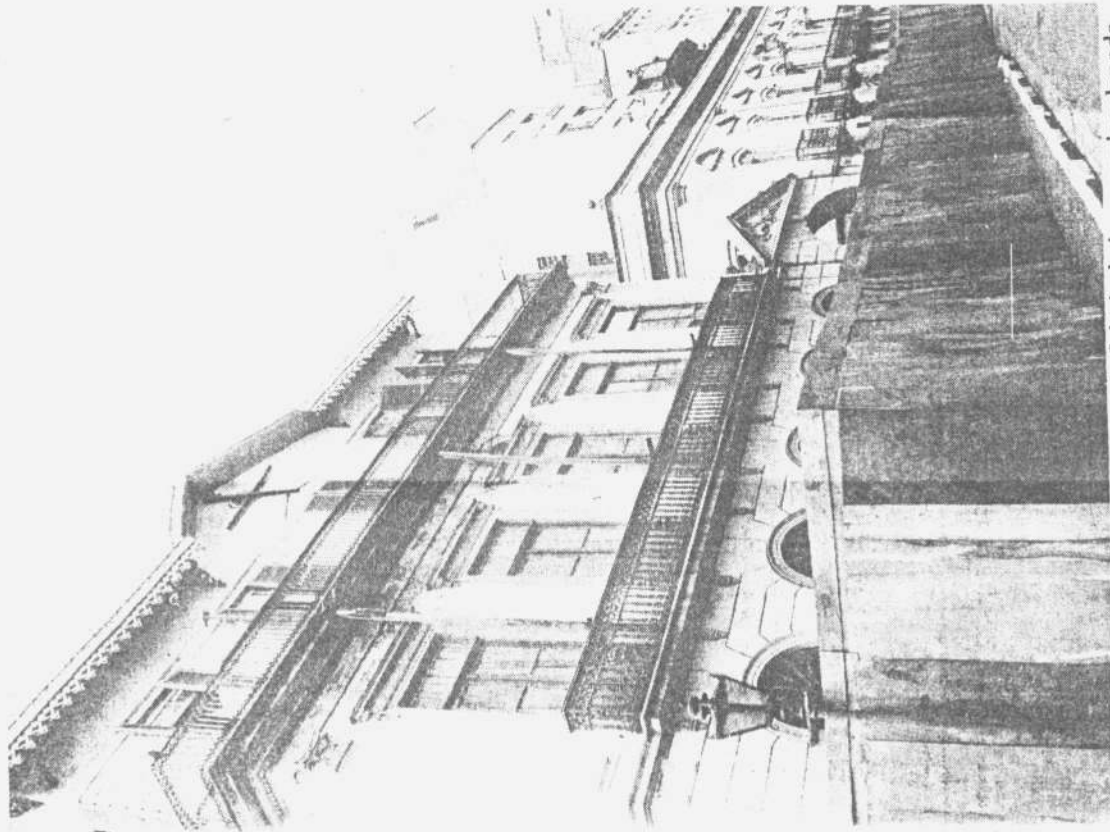
Casa de taipa

A Casa nº 1 tem uma história mais longa, pois foi construída entre 1881 e 1891, sobre as fundações de uma antiga casa de taipa dos primórdios da formação da Vila de São Paulo. Também abrigou diversas repartições públicas, principalmente policiais, e hoje se encontra fechada.

Até mesmo a Guarda Civil metropolitana, responsável pela segurança do local, está aos poucos abandonando as duas casas.

Depois das 17h, os guardas se retiram para a parte mais nova do solar (na rua Bittencourt Rodrigues). O barulho dos pombos que moram no casarão e a vibração produzida pela passagem do metrô fazem circular histórias de fantasmas que espantam até mesmo os guardas metropolitanos.

(Marcelo do Espírito Santo)



A casa da Marquesa de Santos, no Pátio do Colégio, hoje quase abandonada




SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,
Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado

42
6/8

| | | | | | | | |
|----|--------------------|--------|-------------|-----|-----------|---------|--|
| Do | <i>R. Condessa</i> | Número | <i>7852</i> | Ano | <i>69</i> | Rubrica | |
|----|--------------------|--------|-------------|-----|-----------|---------|--|

Ào arquiteto *Edna Barreira*
para manifestação
S.T.C.R. *9 / 04 / 03*

87 
Manoel Guilherme Cavoy de Castro
Diretor Técnico do CONDEPHAAT
CRLA n.º 17419/78-88



CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

PLANTA TERREO

03

SEÇÃO TÉCNICA DE LEVANTAMENTO E PESQUISA

ATUALIZAÇÃO JAN/80

ESCALA 1:50

DAT DES 10/11/80

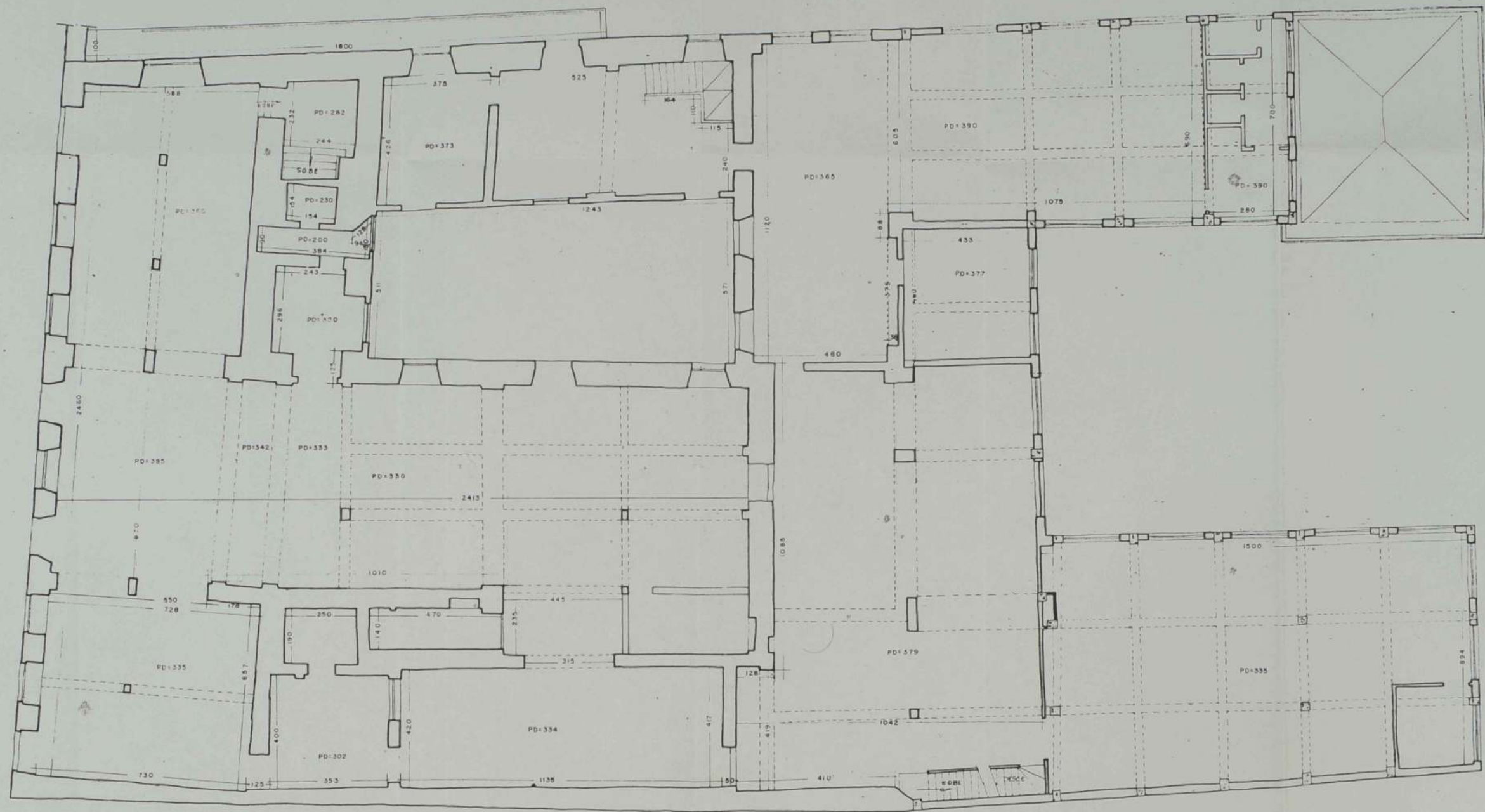
DAT DES. 15/4/77

DAT COP 9/8/84

DES. I P

2-01

44



CASA DA MARQUESA DOS SANTOS
PLANTA TERREO



DIVISAO DE PRESERVAÇÃO

PMSP

CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

DPH-SMC

PLANTA 1º SUB SOLO ESC: 1:100

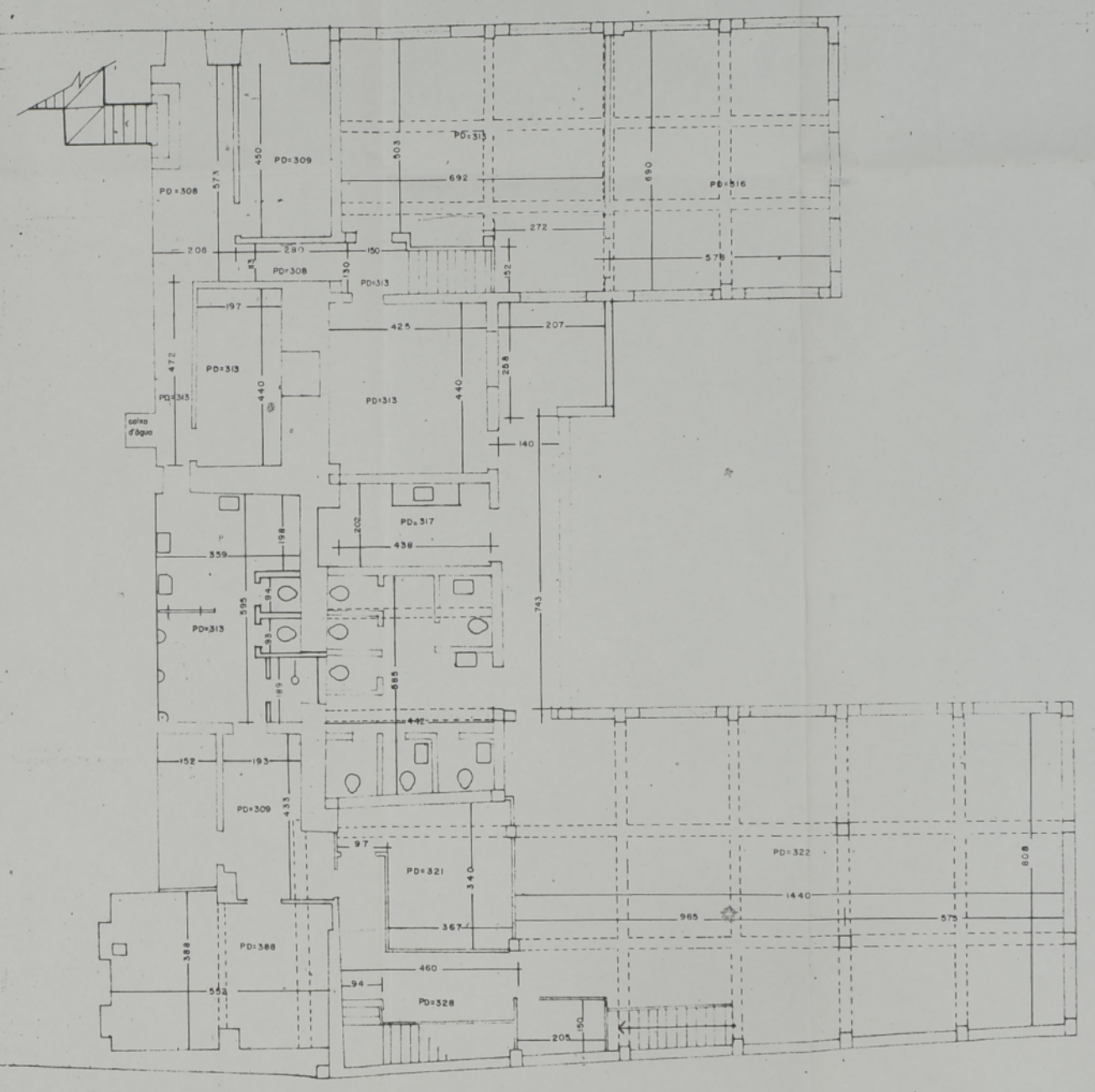
ATUALIZAÇÃO JAN/80

RESPONSÁVEL: ARQ^º LUIS ALBERTO PASSAGLIA

DESENHO : SP e FM

3-01 AS

RUA PIAUIRITO



DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO
CASA DA MARQUESA DOS SANTOS
PLANTA 1º SUB SOLO ESC: 1/100
ATUALIZAÇÃO: JAN/80

PMSP
DPH-SMC



DIVISAO DE PRESERVAÇÃO

CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

PLANTA 2.º SUB SOLO ESC 1:100

ATUALIZAÇÃO JAN/80

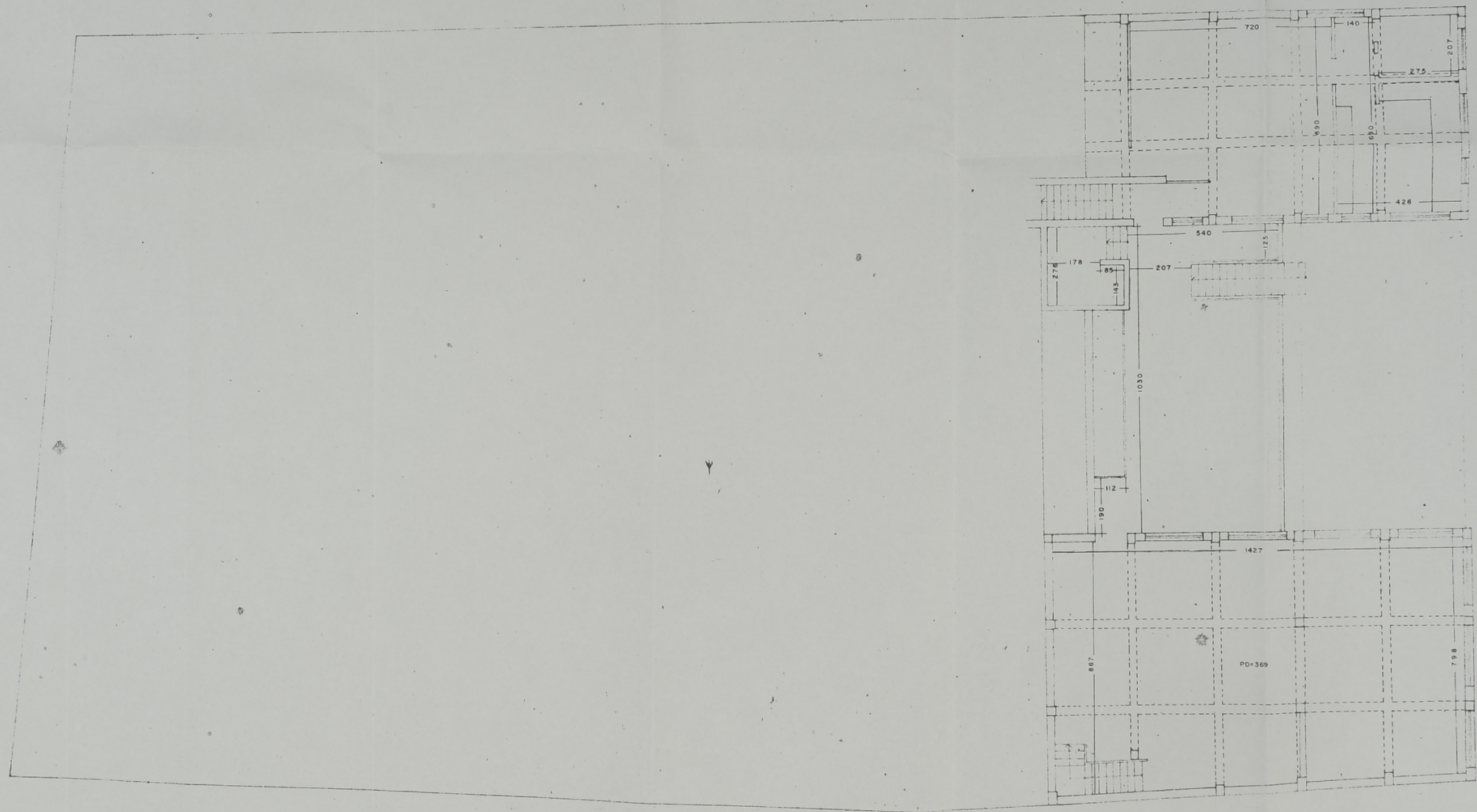
RESPONSÁVEL: ARQT.º LUIS ALBERTO PASSAGLIA,

DESENHO: SP e FM

PMS
DPH·SMC

4-01

46



DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO
CASA DA MARQUESA DOS SANTOS
PLANTA 2º SUB SOLO ESC 1:100
ATUALIZAÇÃO: JAN/80

PMS
DPH-SMC



DIVISAO DE PRESERVAÇÃO

PMSP

CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

DPH · SMC

PLANTA 3º SUB SOLO ESC 1:100

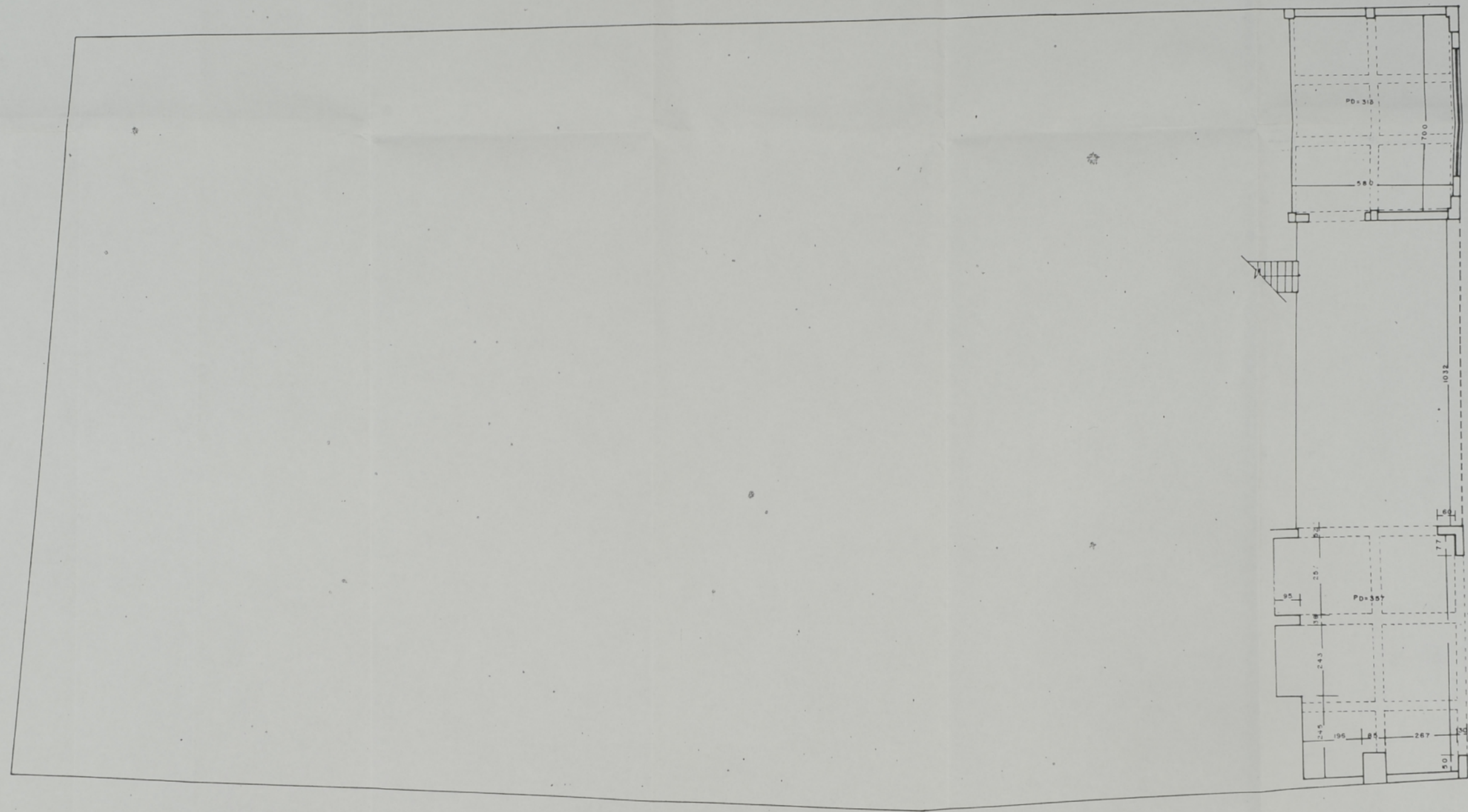
ATUALIZAÇÃO JAN/80

RESPONSÁVEL: ARQTº LUIS ALBERTO PASSAGLIA

DESENHO: SP e FM

5-01

47



DIVISAO DE PRESERVAÇÃO PMSP
CASA DA MARQUESA DOS SANTOS DPH - SMC
PLANTA 3º SUB SOLO ESC 1:100



CASA DA MARQUESA DOS SANTOS

PLANTA - PISO SUPERIOR

04

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO E RECURSOS ATUALIZAÇÃO JAN/80

ESCALA 1:50

DTY DES 20/11/80

DTY DES 10/0/77

DTY COP 0/0/80

DTY COP 1/0/77

1-01

43



CASA DA MARQUESA DOS SANTOS
 PLANTA - PISO SUPERIOR
 ATUALIZAÇÃO JAN/80





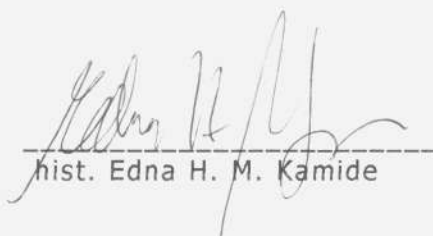
| | | | |
|----|-----------------|-----------|---------|
| Do | Número 07852 | Ano 69 | Rubrica |
|----|-----------------|-----------|---------|

Processo n. 07852/69

Assunto: Estudo de tombamento do Solar da Marquesa de Santos, situado na Rua Roberto Simonsen, 136 - Capital

À Diretoria Técnica,

Tendo em vista o atendimento da solicitação da presidência, item 2, fl. 02, recomendamos que este processo seja encaminhado ao Centro de Documentação.



hist. Edna H. M. Kamide



hist. Daisy de Camargo

Em tempo: Anexamos a cópia da Resolução de Tombamento do Solar da Marquesa de Santos publicada no D.O.E de 15/6/71.

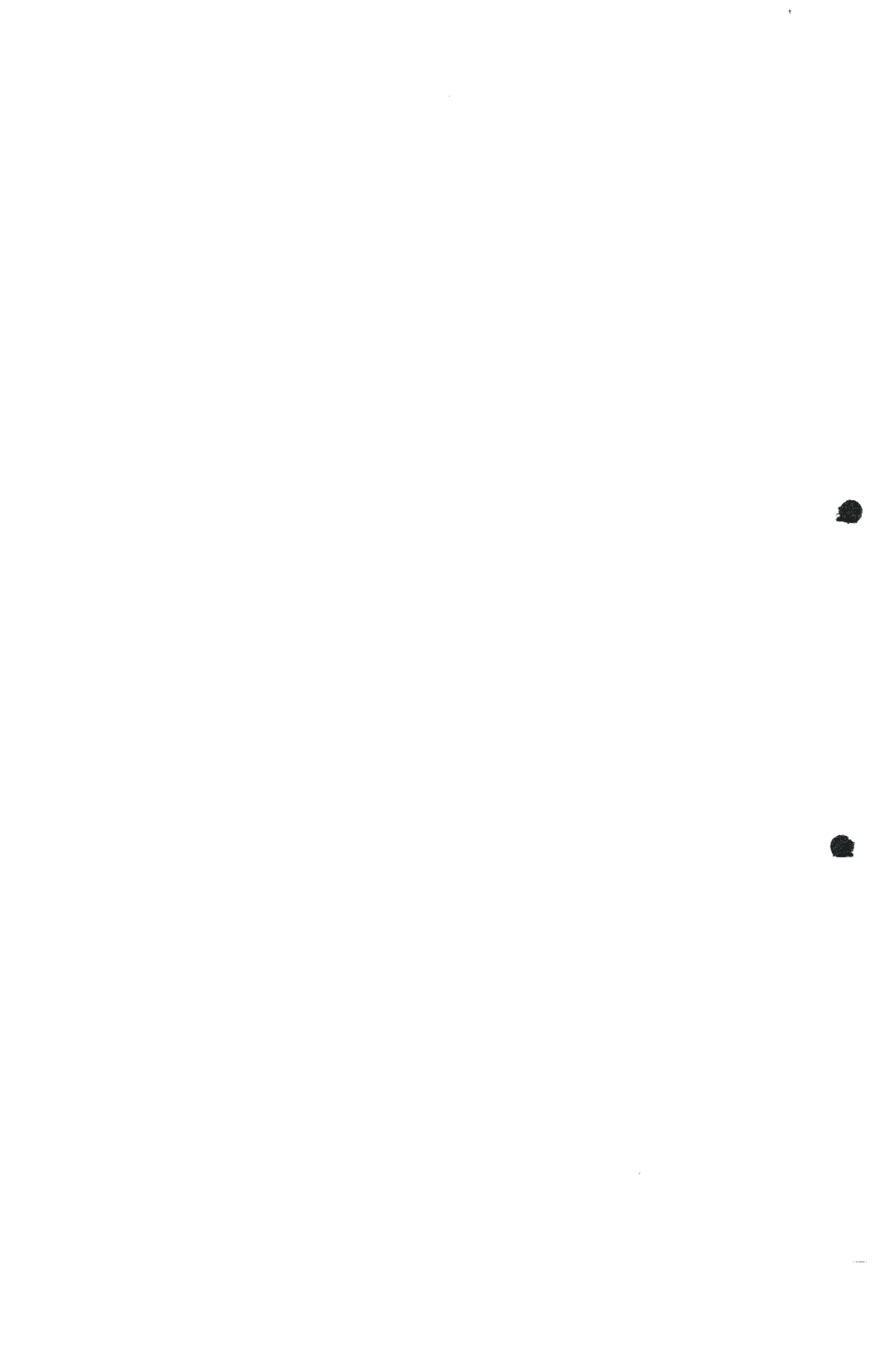
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS Proc. de Tomb.: 07852/69 Res.: 14/6/71



Foto: VICTOR Miguezita OKADA Data: 1992

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.



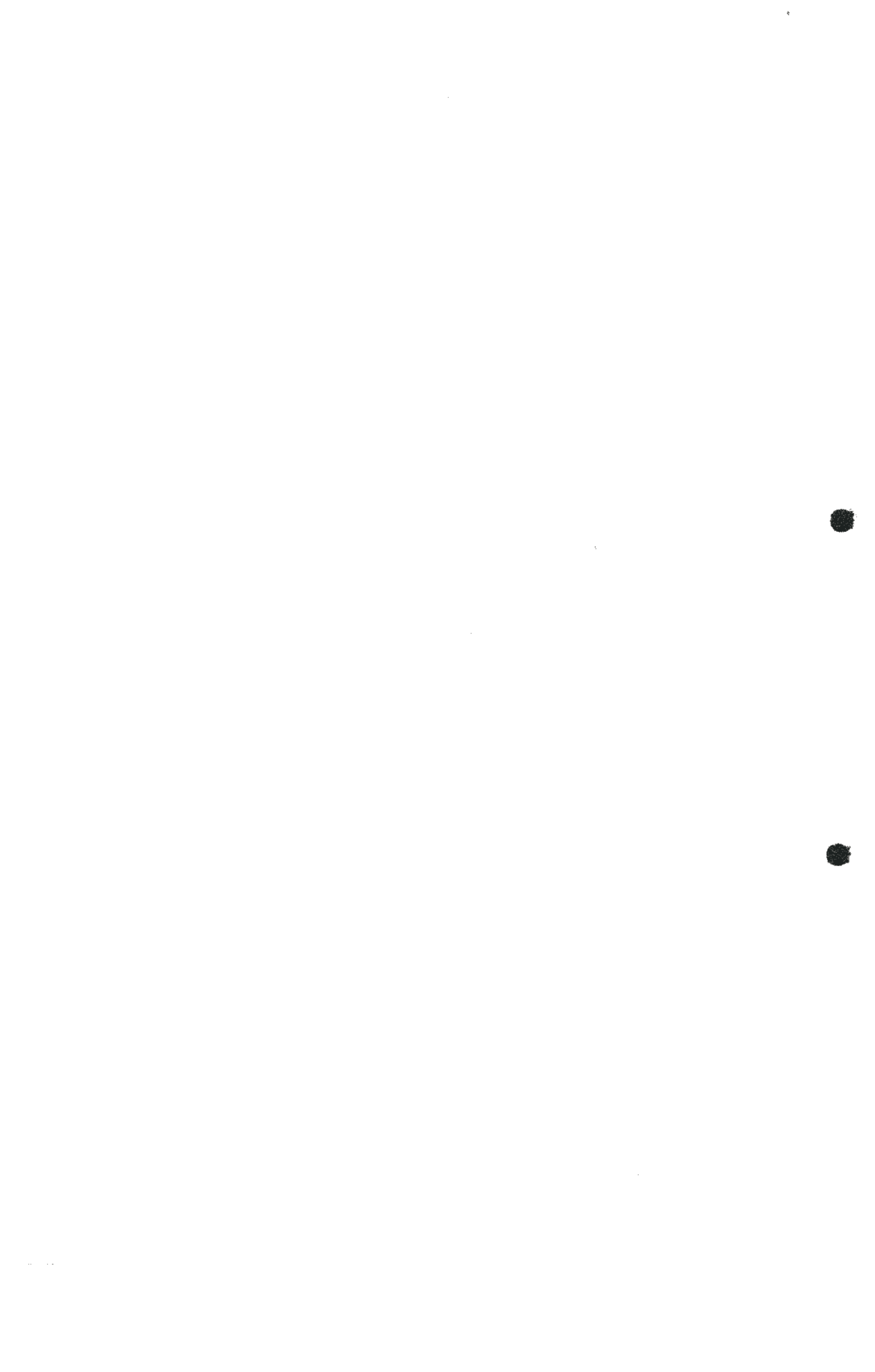
50

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS Proc. de Tomb. 07852.163 Res.: 14.16.171



Obs.: Fotos de autoria de Tereza C. R. Epitácio Pereira, de 05.97, a serem anexadas ao processo de tombamento.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS Proc. de Tomb.: 07852/63 Res.: 14/6/71



Obs.: Fotos de autoria de Tereza C. R. Epitácio Pereira, de 01/1/87, a serem anexadas ao processo de tombamento.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

8.º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
MICROFILME N.º 38443

CONDEPHAAT

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO,
ARTÍSTICO E TURÍSTICO DO ESTADO

CERTIDÃO N.º: 0063

Nos termos do Provimento n.º 7/84, de 09/03/84, da Corregedoria Geral da Justiça, CERTIFICO, para os devidos fins, que o Senhor Secretário de Estado da Cultura, em consonância com o decidido pelo Egrégio Colegiado baixou a Resolução s / n.º, de 14/06/71, pela qual foi tombado o SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS localizado na Rua Roberto Simonsen n.º 136, nesta Capital, estando o mesmo devidamente inscrito no Livro de Tombo n.º 57, conforme dispõe o Artigo 139, do Decreto Estadual n.º 13.426, de 16/03/79.

São Paulo, 15 de agosto de 1.995.

José Carlos Ribeiro de Almeida
JOSÉ CARLOS RIBEIRO DE ALMEIDA

Presidente

8.º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS

Av. Paulista, 1499 - Cj. 52 - Fone: 289 6449

APRESENTADO HOJE, PROTOCOLADO E REGIS-

TRADO EM MICROFILME SOB N.º 38443

São Paulo,

~~30~~ OUT. 95

[Assinatura]
Geraldo José Filho Cunha - Oficial

Escritores Autorizados:

Darcy Alves da Silva Cunha - Cristiane Assunção Duarte

Total pago: _____

Esse valor inclui 27% devida ao Estado, 20% devida ao I.P.S.

SELOS E TAXAS RECOLHIDO POR VERBA

(Isento de Emols. Custas e Contribuições,
Art. 2º, Lei Est. 4.476 de 20/12/84.)